



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC

CENTRO DE ARTES – CEART

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA – PPGMUS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A CIDADE DO RIO GRANDE (RS) ENTRE 1900
E 1930 E O MÚSICO HERMÍNIO DE MORAES
(1883-1935): MEDIAÇÃO E CIRCULARIDADE**

MARCELE PEDROTTI DUTRA MENESES

Florianópolis, 2020

MARCELE PEDROTTI DUTRA MENESES

**A CIDADE DO RIO GRANDE (RS) ENTRE 1900 E 1930 E O MÚSICO
HERMÍNIO DE MORAES (1883-1935): MEDIAÇÃO E CIRCULARIDADE**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Música, Centro de Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Música.

Orientação: Prof. Dr. Marcos Tadeu Holler

Florianópolis, 2020

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Central/UEDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Pedrotti Dutra Meneses , Marcele

A CIDADE DO RIO GRANDE (RS) ENTRE 1900 E 1930 E O
MÚSICO HERMÍNIO DE MORAES (1883-1935): MEDIAÇÃO E
CIRCULARIDADE / Marcele Pedrotti Dutra Meneses . -- 2020.
89 p.

Orientador: Marcos Tadeu Holler
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música,
Florianópolis, 2020.

1. Rio Grande (RS). 2. Início do século XX. 3. Hermínio de
Moraes . 4. Mediação e Circularidade . 5. História da Música no Rio
Grande do Sul . I. Tadeu Holler , Marcos . II. Universidade do
Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de
Pós-Graduação em Música. III. Título.

MARCELE PEDROTTI DUTRA MENESES

**A CIDADE DO RIO GRANDE (RS) ENTRE 1900 E 1930 E O MÚSICO
HERMÍNIO DE MORAES (1883-1935): MEDIAÇÃO E CIRCULARIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Centro de Artes da UDESC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Música, área de concentração Teoria e História.

Banca Examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Marcos Tadeu Holler
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membro:

Profa. Dra. Márcia Ramos de Oliveira
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membro:

Prof. Dr. Luiz Guilherme Duro Goldberg
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Florianópolis, 21 de julho de 2020

AGRADECIMENTOS

Em relação ao incentivo à minha pesquisa, quero agradecer à Capes pela concessão da bolsa de estudos.

Ao meu orientador professor Dr. Marcos Holler, pelo privilégio de sua orientação sempre pontual, gerando muitas reflexões que contribuíram para a escrita de minha dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Música da Udesc, meus agradecimentos pelos seus ensinamentos.

À banca de qualificação e mestrado; ao professor Dr. Luiz Guilherme Duro Goldberg, por ter cedido gentilmente a sua pesquisa e também suas orientações; e à professora Dra. Márcia Ramos, pelas suas orientações, que contribuíram para novos conhecimentos.

Aos meus pais Vilma e Guilherme que me apoiaram durante minha trajetória.

Ao meu marido Leandro Meneses, que sempre me incentivou durante a minha trajetória acadêmica.

RESUMO

A cidade do Rio Grande (RS), entre 1900 e 1930, ampliou-se territorialmente, devido ao projeto de urbanização com o ideal republicano, expandindo-se também a zona industrial. No mesmo período ocorreu o surgimento de novos personagens sociais, derivados das camadas médias, da burguesia e do proletariado. Com a ampliação dos espaços na cidade também aconteceram as atividades de entretenimento, com a fundação de locais de sociabilidade para prática musical e atividades de ensino. No contexto histórico apresentado, a pesquisa visa compreender as dinâmicas musicais da cidade do Rio Grande (RS) no início do século XX, por meio da trajetória artística do personagem Hermínio de Moraes (1883-1935). A trajetória artístico-musical do compositor está presente na pesquisa como exemplo de um personagem que circulava em diversos ambientes musicais, sendo que, através de sua mediação cultural, pode-se compreender a cena musical na cidade do Rio Grande.

Palavras-chave: Rio Grande (RS); início do século XX; Hermínio de Moraes; mediação e circularidade; história da música no Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

The city of Rio Grande (RS), between 1900 and 1930, expanded territorially, due to the urbanization project with the Republican ideal, also expanding the industrial zone. In the same period, new social characters emerged, derived from the middle classes, the bourgeoisie and the proletariat. With the expansion of spaces in the city, entertainment activities also took place, with the foundation of sociability places for musical practice and teaching activities. In the historical context presented, the research aims to understand the musical dynamics of the city of Rio Grande (RS) at the beginning of the 20th century, through the artistic trajectory of the character Hermínio de Moraes (1883–1935). The composer's artistic-musical trajectory is present in the research as an example of a character who circulated in different musical environments, and through his cultural mediation one can understand the music scene in the city of Rio Grande.

Keywords: Rio Grande (RS); early 20th century; Hermínio de Moraes; mediation and circularity; history of music in Rio Grande do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cidade do Rio Grande, s.d.....	27
Figura 2 - Cais do Porto Velho, 1910.....	28
Figura 3 - Operárias na fábrica Swift, 1920.....	29
Figura 4 - Hotel Paris, 1916.....	33
Figura 5 - Praça General Telles (atual Xavier Ferreira), 1904.....	34
Figura 6 - Atividade no salão da União Operária, 1918.....	35
Figura 7 - Carro alegórico do Clube Carnavalesco Araras em desfile pela rua Marechal Floriano. Ao fundo, vê-se o edifício do Cinema Ideal Concerto, 1920.....	36
Figura 8 - Banda Musical Gioacchino Rossini, s.d.....	40
Figura 9 - Teatro Polytheama Rio-Grandense, s.d.....	44
Figura 10 - Circuito das companhias artísticas advindas do Rio de Janeiro e dos países latinos, s.d.....	47
Figura 11 - Programa de Concerto do violinista Diaz Albertini, 1904.....	49
Figura 12 - Hermínio de Moraes, s.d.....	54
Figura 13 - Hermínio de Moraes, 1922.....	55
Figura 14 - Anúncio da peça <i>Na Ponta do Pé</i> , de Hermínio de Moraes, 1918.....	60
Figura 15 - Capa da partitura valsa intermezzo <i>Julia</i> , s.d.....	63
Figura 16 - Contracapa da partitura, edição Casa Viúva Guerreira, s.d.....	64
Figura 17 - Programa de Concerto Orquestra Filarmônica Rio-Grandense, 1933.....	68

SUMÁRIO

1-Introdução.....	10
1.1-Revisão bibliográfica	15
2- Memória e história por intermédio dos jornais	19
2.1- Contextualização sobre a memória	19
2.2- Os Jornais e a história em Rio Grande	21
3- A cidade do Rio Grande entre 1900 e 1930	26
3.1- Cidade do Rio Grande	26
3.2- Espaços para prática musical e atividades de ensino.....	33
3.2.1 Associações, clubes/salões e sociedades	34
3.2.2 Ensino de música e circulação de instrumentos	41
3.2.3 Teatros, cineteatros e rádio.....	43
3.2.4- Recitais e companhias musicais	46
3.2.5- Sarau.....	50
4- O contexto musical da cidade do Rio Grande entre 1900 e 1930 por meio da trajetória artística do compositor Hermínio de Moraes	54
4.1-Festividades religiosas	55
4.2- Teatro dramático	58
4.3- Compositor - teatro musical e música de salão	59
4.4- Carnaval	65
4.5- Sociedade musical, orquestra e Rádio-Teatro	66
4.6- Ensino de música	69
4.7- A circularidade de Hermínio de Moraes e a cidade do Rio Grande	70
A-Informações encontradas nos jornais	78
Jornal ECHO DO SUL.....	78
Jornal A LUCTA.....	82
Jornal O TEMPO	83
B-Informações localizadas no Arquivo Municipal e Histórico da cidade do Rio Grande.....	85
C-Lista de composições do músico Hermínio de Moraes	85
Anexos	88
A - Tabela de jornais da Biblioteca Rio-Grandense	88
B- Fotografias da cidade do Rio Grande.....	89

1-Introdução

Localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, a cidade do Rio Grande encontra-se situada em uma área costeira e portuária. Entre 1900 e 1930, sofreu transformações políticas, econômicas, populacionais e urbanísticas. A civilidade passou a ser associada à República, implantada no Brasil em 1889, assim como o desenvolvimento do capitalismo e os novos conhecimentos, os quais passam pela técnica, pela cultura e até pelo saber médico, evidenciam os novos tempos, centrados no progresso (TORRES, 2015).

Com o embelezamento da cidade e sua expansão, por meio de ruas, praças e um balneário, a estrutura revitalizada da cidade destinava-se a ser ocupada, o que acarretava nesse processo, as construções de áreas de lazer. As atividades de entretenimento estavam associadas aos passeios a confeitarias, cafés, restaurantes, clubes, bailes, aos cineteatros Sete de Setembro e Polytheama Rio-Grandense, assim como às caminhadas nas praças Xavier Ferreira e Tamandaré e às atividades teatrais da Sociedade União Operária, entre outras atividades lúdicas (TORRES, 2015). Os lugares de lazer e entretenimento eram desfrutados pelo proletariado, pelas camadas médias e pela elite de diferentes nacionalidades, como imigrantes italianos, alemães, portugueses, franceses, entre outros, que vinham por meio do porto para trabalhar nas áreas urbana, agrícola e industrial.

Nesse período ocorreu a fundação de novos espaços de sociabilidade, como os cineteatros, ambientes onde os músicos locais, nacionais e internacionais realizavam apresentações. No decênio de 1900 a 1910, os músicos locais ocupavam os espaços artísticos e se organizavam na fundação de sociedades com o objetivo de “elevar a arte musical”, por meio da instrução musical e da organização de eventos musicais. Outras instituições vinculavam-se a entidades sindicais. Em algumas dessas instituições, havia bandas que se apresentavam em festividades religiosas, cívicas e em ambientes teatrais. Surgiram também os grêmios líricos dramáticos, que divulgavam a literatura local no início do século XX, encenando dramas e comédias; as instituições de ensino de música, como as escolas de música particulares; e, a partir do decênio de 1920, os conservatórios.

Entre os músicos que circulavam na cidade, havia Hermínio de Moraes (1883-1935), que escreveu para o teatro musical,¹ destacando-se em gêneros como revistas, operetas, óperas, burletas e sainetes, bem como músicas de salão, como valsas.

¹ Lista de composições encontra-se no apêndice.

Hermínio de Moraes,² músico natural da cidade do Rio Grande, nasceu dia 21 de maio de 1883 e, durante sua trajetória artística, atuou como compositor, maestro, professor de música e violoncelista. Pôde-se constatar também que o músico desempenhou o papel de presidente e maestro da Orquestra Filarmônica Rio-Grandense, fundada em 3 de fevereiro de 1932, e de secretário da Sociedade União Orquestral, fundada em 1926. Além do mais, desenvolveu atividades no carnaval, tendo sido regente da estudantina do Clube Carnavalesco Saca-Rolhas, em 1927, 1930 e 1931. Outra prática profissional pertinente de Hermínio de Moraes era o exercício da docência, desenvolvida na escola particular de música dirigida pela professora Iracema R. dos Santos. Além disso, posteriormente à sua morte (1935), em 1944, fundou-se a Orquestra de Concertos Hermínio de Moraes, homenageando o compositor.

O objetivo geral da pesquisa é compreender as dinâmicas musicais da cidade do Rio Grande (RS), entre 1900 e 1930, por meio da trajetória artística do personagem Hermínio de Moraes. Como objetivos específicos, o estudo busca analisar de que forma a música se apresenta nos jornais e nos documentos de arquivo, refletir sobre a circularidade do músico Hermínio de Moraes como um exemplo de mediador cultural da cidade e compreender como, a partir de um personagem, se pode analisar aspectos de uma sociedade musical.

O recorte temporal é o período entre as décadas de 1900 e 1930, em virtude da atuação artística do compositor Hermínio de Moraes, pois as notícias encontradas em jornais e documentos possibilitaram delimitar esse período.

O interesse em pesquisar esse personagem surgiu durante meu curso de graduação, entre 2016 e 2017, atuando como bolsista de iniciação científica no projeto *Orquestra Hermínio de Moraes: flashes da música privada*.³ A partir desse projeto, foi construído meu trabalho de conclusão de curso, em busca da narrativa biográfica do compositor, iniciando uma pesquisa relacionada à vida e à obra do personagem. Vale salientar que, embora as informações encontradas sejam relevantes, surgiu também o interesse em entender o contexto musical no qual ele atuava, com base em sua trajetória. Afinal, como,

² Sobre Hermínio de Moraes, conforme o artigo “Hermínio de Moraes: a face de uma orquestra”, de Meneses e Goldberg (2016), e o trabalho de conclusão de curso “Hermínio de Moraes: a face de uma orquestra”, de Meneses (2017).

³ O projeto propõe-se a estabelecer o sistema de gestão do Fundo da Orquestra Hermínio de Moraes, bem como, a partir dele, diagnosticar a inserção dessa orquestra na dinâmica da cultura musical da cidade do Rio Grande. Integrantes: Orientador-coordenador: Luiz Guilherme Duro Goldberg. Integrantes: Marcelle Pedrotti Dutra Meneses, Pablo Palácios e Ruthe Zoboli Pocebon.

através das notícias nos jornais *A Lucta*, *Echo do Sul*, *O Tempo* e documentos de arquivo,⁴ se poderiam compreender as atividades musicais na cidade do Rio Grande, por meio da circularidade de Hermínio de Moraes?

Pesquisar a cidade do Rio Grande por meio de jornais e documentos de arquivos vislumbra a circularidade do músico Hermínio de Moraes, um exemplo de personagem utilizado para compreender aspectos do contexto musical da cidade. E também traz luz a um compositor do início do século XX, longe dos cânones que a historiografia da música brasileira abrange.

A metodologia consiste em pesquisa nos jornais da cidade do Rio Grande, em específico *A Lucta*, *Echo do Sul* e *O Tempo*. Nessa parte, foram analisados notícias, anúncios, crônicas e críticas sobre a atuação do músico Hermínio de Moraes na cidade. Dos jornais *A Lucta* e *O Tempo*, a coleta de dados foi a partir de um levantamento já realizado anteriormente, durante o projeto de pesquisa “A música pelos jornais da cidade do Rio Grande: da Proclamação da República ao Conservatório de Música”, realizado pelo prof. Luiz Guilherme Goldberg, da Universidade Federal de Pelotas, entre 2007 e 2013, cujos resultados foram gentilmente cedidos. O período abrange a década de 1920, conforme a delimitação temporal das informações do projeto. Do jornal *Echo do Sul*, a coleta de dados foi realizada diretamente para esta pesquisa, cuja delimitação temporal situa-se entre 1900 e 1930.

Os jornais pesquisados estão localizados na Biblioteca Rio-Grandense, fundada em 1846, que, em 1917, contava com o acervo de 41 mil volumes, elevando-o, em 1943, a 83 mil (TORRES, 2015). A Biblioteca Rio-Grandense, em acervo catalogado para pesquisa, conta com 24 jornais⁵ do período entre 1889 e 1954, entre eles *A Lucta*, *Rio Grande*, *D. Pedro II*, *Folha Bancária*, *Jornal Notícias*, *O Trabalho Nacional*, *Ordem e Progresso*, *Pró-Pátria*, *Farofa*, *Lobo da Costa*, *A Gazeta Portuguesa*, *O Bisturi*, *Jornal do Rio Grande*, *A Revolução*, *A Reforma*, *O Diário*, *O Intransigente*, *Echo do Sul*, *O Artista*, *O Tempo*, *Diário do Rio Grande*, *São José do Norte*, *Jornal Rio Grande do Sul* e

⁴ Um documento de arquivo, conforme, o livro *Criação de desenvolvimento de arquivos públicos*, Conselho Nacional de Arquivos (Conarq): “Os documentos de arquivo são todos aqueles produzidos e/ou recebidos por pessoa física ou jurídica, pública ou privada, no exercício de suas atividades, constituindo elementos de prova ou de informação. Formam um conjunto orgânico, refletindo as atividades a que se vinculam e expressando os atos de seus produtores no desempenho de suas funções. A razão de sua origem ou a função pela qual são produzidos é que determina sua condição de documento de arquivo, e não a natureza do suporte ou formato” (CONARQ, 2014, p. 15).

⁵ Conforme a tabela encontrada no artigo “A música pelos jornais da cidade do Rio Grande: da Proclamação da República ao Conservatório de Música” (2010), de Luiz Guilherme Goldberg, publicado nos anais do XX Congresso da Anppom em 2010 na cidade de Florianópolis.

Diário da Tarde.⁶ Embora não estejam digitalizados, os jornais, catalogados e encadernados, encontram-se disponíveis ao público para pesquisa. Em relação à conservação das páginas, por vezes, encontram-se em estado de deterioração, amareladas, rasgadas, com poeira, ou mesmo faltando, impossibilitando a localização de algumas informações.

Em relação ao jornal *A Lucta*, fundado em 1900, tendo como diretor e gerente A. R. de Oliveira Junior, seu objetivo era destinado ao “órgão do Clube Caixeral”, que defendia os caixeiros “escravizados pela ganância dos patrões” (TORRES, 2012). No acervo da biblioteca, há publicações do período de 1924 a 1939; destas, a pesquisa aborda as de 1920. Os temas desenvolvidos no jornal eram de âmbito político, social, literário, artístico, comercial e religioso. As colunas específicas para a música ou questões artísticas chamavam-se “Artes e Artistas” e “Sociaes”.

O jornal *Echo do Sul*, criado na cidade de Jaguarão, passou a ser editado na cidade do Rio Grande a partir de 1858, tendo como fundador e principal redator, inicialmente, Pedro Bernardino de Moura (apelidado de Moura Carijó). Estreara no jornalismo, evoluindo, gradativamente, até apresentar-se como uma publicação de natureza “política, literária e comercial” (TORRES, 2012, p. 23). Inicialmente, o jornal repudiou as vinculações partidárias, porém, já no ano de 1867 começou a defender o Partido Conservador, reproduzindo discursos antiliberais e antirrepublicanos (TORRES, 2012). Na República Velha, o jornal *Echo do Sul* fez oposição ao governo em suas páginas com diversas críticas, sofrendo, conforme Torres (2012), uma sistemática perseguição. De 1908 até o encerramento, em 1934, o *Echo do Sul* entrou em declínio devido a uma crise econômica e, nesse momento, começou a se definir como uma folha independente de posições políticas partidárias. Em sua jornada pela imprensa rio-grandina, o jornal durou 76 anos. Na Biblioteca Rio-Grandense, o período disponível para consulta é de 1859 e 1934, com edições especiais em 1922 e 1937, destinadas a homenagear o centenário e o bicentenário da Independência. As notícias sobre as atividades musicais localizavam-se em colunas específicas para críticas ou crônicas de espetáculos, intituladas “Vida Musical”, “Vida Artística” “Theatros e Artistas” e descreviam os eventos ocorridos dias antes, geralmente de cunho extramusical. As informações musicais encontravam-se em variadas páginas do jornal, bem como em forma de anúncio e programa de concerto, misturados às informações sobre aspectos da vida cotidiana.

⁶ Tabela dos jornais encontrados na Biblioteca Rio-Grandense encontra-se em anexo.

O jornal *O Tempo* foi um dos jornais de maior duração editados na cidade do Rio Grande: a sua fundação foi em 1871, conforme o catálogo disponível na Biblioteca Rio-Grandense, estendendo-se até 1960. Os anos existentes para consulta compreendem “Ano um 19/06/1871 a 30/12/1871 e de 03/01/1872 a 27/02/1872”, e, depois, de 1907 até 1960. Conforme Torres (2012), o jornal exaltava Rio Grande como uma cidade industrial que ainda precisava ser conhecida pela própria população local (TORRES, 2012). Os temas eram de âmbito político, literário e comercial e também destinavam um espaço para as atividades artístico-musicais que ocorriam na cidade. As colunas para comentários sobre atividades musicais, crônicas e críticas eram “Artes e Artistas”, “Festival de Arte” e “Arte e Caridade”.

Pesquisou-se, também, em documentos localizados no Arquivo Público e Histórico da cidade do Rio Grande, órgão vinculado à Secretaria Municipal da Cultura. O órgão reúne documentos da administração municipal do século XIX até 2011. São documentos manuscritos, datilografados, impressos, fotografias, plantas arquitetônicas, microfilmes, fitas VHS e cassete, CDs, clichês de leis do período do Império.⁷ Os documentos⁸ localizados no arquivo sobre as atividades musicais encontravam-se armazenados em uma pasta preta com o número de ordenação 22. Ela compreende a documentação das entidades culturais do município de Rio Grande, e o recorte temporal corresponde aos anos de 1877 a 1991.

O conteúdo dos documentos encontrados constitui-se por solicitações de verbas e pedidos de desconto de juros. Os pedidos eram datilografados, e a grafia e as assinaturas estavam preservadas. Os pedidos para Intendência Municipal eram de desconto sobre o pagamento da taxa de imposto cobrado nos ingressos de espetáculos. Um documento foi encontrado com esse pedido e refere-se a um evento organizado pelo grêmio lírico dramático O Guarany, no ano de 1930. Encontrou-se também o documento sobre o projeto de regulamentação das casas de diversões da cidade, do ano de 1926. Foram localizados documentos referentes às seguintes posses de diretoria: Sociedade Musical União Operária (1904), Sociedade Musical Lyra Artística (1905), Sociedade União Musical (1907), Duas Corôas (1906), Rancho Carnavalesco Braço e Braço (1920), Sociedade União Orquestral (1926), Grêmio Lírico Saca-Rolhas (1930) e Orquestra Filarmônica Rio-Grandense (1932). A instalação de uma biblioteca no Clube Guarany

⁷ Informações extraídas do site do Arquivo Público e Histórico Municipal do Rio Grande. Disponível em: arquivoriogrande.wixsite.com. Acesso em: 22 jan. 2020.

⁸ A lista dos documentos pesquisados encontra-se no apêndice.

(1906) e um agradecimento da Sociedade Alemã (1907) à sua banda também foram encontrados.

1.1- Revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica está presente na pesquisa para contextualização do meio social e musical da cidade do Rio Grande entre 1900 e 1930 e da circularidade do personagem Hermínio de Moraes. O levantamento de informação sobre o município foi realizado em livros, dissertações, teses e artigos.

As informações contextuais a respeito de Rio Grande foram encontradas nas obras *Balneário Cassino: o nascimento do banho de mar planejado no Brasil* (2009) e *História do município do Rio Grande: fundamentos* (2015), do historiador Luiz Henrique Torres. Desta forma, os textos contribuíram para compreender o projeto de urbanização, a zona portuária e industrial, o surgimento de personagens sociais por meio da indústria, da imigração, do comércio e da implementação de um balneário que ocorreu na cidade pesquisada, além de ter possibilitado a reflexão sobre Rio Grande e seus espaços para prática musical e atividades de ensino, elucidando associações, clubes, sociedades e também espaços de sociabilidade, como os teatros.

Em relação à constituição espacial da cidade no início do século XX e sua expansão territorial, utiliza-se o artigo “A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais. O caso do município do Rio Grande (1874-1970)”, de Solismar Fraga Martins e Margareth Afeche Pimenta (2004). Com o aumento demográfico, a cidade passou, entre 1900 e 1930, pelo processo de industrialização, ampliando o território do município através de vilas operárias, comércio, praças e ruas. A respeito das vilas e em prol da urbanização, o livro de Roselane Neckel (2003), *A república em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1920)*, apesar de focar em Santa Catarina, mostra que os ideais republicanos também percorriam a cidade do Rio Grande. Nesse sentido, a autora traz a discussão sobre o pensamento a respeito de higiene e saúde e a noção sobre classes pobres e classes perigosas, a partir das habitações do operariado, como os cortiços. Nessa perspectiva sobre os cortiços, a higiene e a segregação das classes pobres, com o seu afastamento para áreas periféricas da cidade, o livro *O cotidiano da república* (1992), de Sandra Jatahy Pesavento, e a dissertação de Paulo Sergio Andrade Quaresma (2012), intitulada “Urbe em tempos de varíola: a cidade

do Rio Grande (RS) durante a epidemia de 1904-1905”, ajudam a pesquisa, pois abordam o discurso de higiene, saúde pública e as obras de saneamento em Rio Grande.

Nessa parte da pesquisa utiliza-se uma bibliografia que possibilita entender os espaços para práticas musicais e atividades de ensino em Rio Grande. Assim o livro *Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidade e cultura no Brasil Meridional* (2007), do autor Ezio da Rocha Bittencourt, contribuiu com informações sobre a prática musical na cidade, auxiliando no entendimento das atividades musicais da época e dos lugares de ensino ou de sociabilidade. Também se utiliza a tese “Republicana, moderna e cosmopolita: a música de concerto no Rio de Janeiro entre 1889 e 1914”, de Juliane Cristina Larsen (2018), na perspectiva da música de concerto na cidade do Rio de Janeiro. Em relação à cidade do Rio Grande, o texto contribuiu para compreender o período republicano e refere-se à música de concerto era apresentada nos espaços de sociabilidade do município.

Na compreensão sobre o ensino público na cidade por meio dos conservatórios de música, agentes culturais e produtos culturais, foram utilizados os artigos “A música pelos jornais da cidade do Rio Grande: da Proclamação da República ao Conservatório de Música”, de Luiz Guilherme Goldberg (2010), e “O ensino musical no RS da Primeira República: o Rio Grande dos conservatórios”, dos autores Luiz Guilherme Goldberg e Isabel Porto Nogueira (2010). Sobre a cidade, o que é relevante no texto para a pesquisa é o processo de ensino musical que ocorreu, entre os anos de 1922 e 1924, na cidade do Rio Grande, mediante a fundação de dois conservatórios de música, voltados ao incentivo do interesse pela arte musical.

No artigo “Classe dominante cultural musical no RS: do amadorismo à profissionalização”, Maria Elizabeth Lucas (1980) analisa o exercício do amador e do profissional da música erudita, no estado do Rio Grande do Sul, ao longo do século XIX e início do século XX. A partir desse texto, foi possível compreender o exercício do amadorismo e do profissionalismo não só no estado, mas também em Rio Grande, através do compositor Hermínio de Moraes, além da ampliação das práticas musicais por meio da expansão de grupos sociais.

Em relação às discussões sobre a prática musical na cidade e as atividades musicais que Hermínio de Moraes realizava, menciona-se a tese “Mágoas do violão: mediações culturais na música de Octávio Dutra (Porto Alegre, 1900-1935)” de Márcio de Souza (2010) e, com relação à circularidade do personagem, utiliza-se também o livro *História e Música* (2002), do autor Marcos Napolitano.

Outros textos também foram utilizados para discutir a circularidade e a mediação do personagem Hermínio de Moraes, como a biografia do músico localizada no trabalho de conclusão de curso/artigo “Hermínio de Moraes: a face de uma orquestra”, de Marcele Pedrotti Dutra Meneses (2017).

A pesquisa também aborda a história do jornalismo na cidade desde seu processo artesanal, percorrendo o industrial e as mudanças de discurso e editorial, utilizando-se o livro de Luiz Henrique Torres, intitulado *Rio Grande: 180 anos de jornalismo* (2012), e o de Francisco das Neves Alves e Reto Monico (2016), intitulado *O regicídio português nas páginas da imprensa rio-grandina*.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. O capítulo 1, como introdução, apresenta os dados básicos do presente trabalho, tais como a apresentação do tema, o problema da pesquisa, os objetivos e a revisão da literatura.

O segundo capítulo, “Memória e história por intermédio dos periódicos”, consiste em duas seções. A primeira, “Contextualização sobre a memória”, utiliza autores como Bosi (1995), Candau (2016) e Halbwachs (2004) e reflete a memória a partir de uma perspectiva de reconstrução do passado, interpretação social, memória coletiva e linguagem como fator socializador. A segunda seção versa sobre os “jornais e história em Rio Grande”, recorrendo à autora Tânia de Luca (1998) para compreender a estrutura narrativa de um jornal e realizar uma contextualização sobre a cidade do Rio Grande. A partir disso, discorro sobre o conceito de “história imediata” de Jean Lacouture (2005), centrado no estudo em jornais, tendo como base o pensamento de que os discursos jornalísticos eram escritos por protagonistas ou atores sociais de sua própria história. Outro conceito utilizado é o de Documento/Monumento, de Jacques Le Goff (2003), no qual um documento pode ser fabricado ou forjado em uma sociedade. Além disso, reflete-se sobre a análise do discurso visitando a obra da autora Ruth Amossy (2017), que discorre sobre o discurso da polêmica e o papel do impresso na sociedade como linguagem de mediação e de discordância. Também recorro ao autor Paulo Ferreira de Castro (2017), que discute a crítica como objeto de pesquisa.

O terceiro capítulo, “Contexto musical da cidade do Rio Grande entre 1900 e 1930”, visa compreender a atividade musical da época e os espaços artístico-musicais. Esse capítulo é dividido em duas seções. A primeira discorre sobre a “cidade do Rio Grande”, o período de transição que ocorreu durante a República, o projeto de urbanização, os grupos sociais e a economia, buscando compreender o período e as transformações ocorridas no município no início do século XX. Na segunda seção,

“Espaços para prática musical e atividades de ensino”, apresenta-se informações sobre associações, clubes e instituições musicais atuantes da época pesquisada. Também são abordados espaços de ensino de música privados e públicos e o comércio especializado que surgiu na cidade para venda de instrumentos. Na seção “Teatros, cineteatros e rádio” são abordados o espaço teatral e as transformações ocorridas no século XIX e no início do século XX. Por fim, apresentam-se companhias musicais, recitais e saraus literários musicais cujas apresentações dos músicos nacionais e internacionais aconteciam na cidade.

O último capítulo, “O contexto musical da cidade do Rio Grande por meio da trajetória artística do compositor Hermínio de Moraes”, discorre sobre a relação do compositor como um mediador cultural. Como aponta Napolitano (2002), o músico participava de todos os espaços, de diversas linhas musicais – como polca, batuque, choro –, sarau doméstico, teatro de revista, pagode, tornando-se uma espécie de mediador fundamental para o caráter de síntese que a música brasileira ia adquirindo no início do século XX (NAPOLITANO, 2002). Com esse pensamento, será utilizado o termo mediador, pois o músico Hermínio de Moraes ocupou distintos espaços artístico-musicais durante a sua trajetória. Reflete-se, também, sobre sua circularidade nos espaços e a recepção da sua música, a qual, conforme salienta Napolitano (2002), era, muitas vezes, negligenciada. Por meio da análise contextual, aquela que busca identificar o meio de circulação (NAPOLITANO, 2002), procuro compreender, por meio de um personagem, a cena musical da sociedade à qual ele pertencia.

2- Memória e história por intermédio dos jornais

A fundamentação teórica deste trabalho centra-se, inicialmente, no conceito sobre memória, sobretudo de Ecléa Bosi (1995), Joel Candau (2016) e Maurice Halbwachs (2004). Reflete-se sobre a memória no sentido de sua reconstrução, por meio de uma interpretação social. A memória coletiva, por sua vez, é vista como comunicação pública, considerando a linguagem como fator socializador. Busca-se compreender como a memória atua em um ambiente social a partir da comunicação pública e da linguagem.

Em relação à discussão sobre história e jornal, recorra-se aos autores Tânia de Luca (1998), Jacques Le Goff (2003), Jean Lacouture (2005), Paulo Ferreira de Castro (2017) e Ruth Amossy (2017). Os conceitos fundamentais utilizados discorrem sobre narrativa jornalística, processo de análise de discurso, crítica e história.

2.1- Contextualização sobre a memória

Conforme salienta Halbwachs (2004), a reconstrução do passado sofre alterações, e a memória se torna um processo de reconstrução, uma vez que lembramos de um acontecimento do passado a partir do presente. A memória não é uma repetição exata do que aconteceu, mas, sim, uma reconstrução no contexto social em que o indivíduo vive. Logo, a “memória é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 2004, p. 9).

Nesse processo de reconstrução, ocorre a narrativa de um acontecimento, mas em nenhum caso devemos confundir a narrativa de um acontecimento com a lembrança guardada pelos participantes (CANDAU, 2016). A lembrança verbalizada não expressa sua totalidade. Conforme Candau (2016), a memória parece incapaz de restituir fielmente a duração, pois “a consciência do passado não é a consciência da duração; e, se nos lembramos de acontecimentos passados, não temos a memória de sua dinâmica temporal, do fluxo do tempo cuja percepção, como sabemos, é extremamente variável em função da densidade dos acontecimentos” (CANDAU, 2016, p. 88). Além disso, a memória do passado traz o conteúdo de uma narrativa que se altera com o tempo, pois o ato narrativo

não é um tempo abstrato e expresso em divisões como dia, mês, ano. Ele se estrutura em torno de indicadores temporais, centrados sobre o narrador, que pode tomar como referência fatos produzidos ou acontecimentos advindos da experiência pessoal (CANDAU, 2016).

No conteúdo de uma memória ocorre a interpretação social, conforme o autor Halbwachs (2004) analisou, apresentando o conceito de quadros sociais da memória. Conforme Candau (2016), os quadros sociais da memória orientam a evocação, pois são uma visão dos acontecimentos passados em parte transformada pelo presente ou, mais exatamente, pela oposição que ele próprio ocupa no presente (CANDAU, 2016).

Esses quadros são referências que cercam o indivíduo em um grupo social construído através de algumas categorias, como a linguagem, a religião, as classes sociais, as tradições, a família. Conforme Maurice Halbwachs (2004),

[...] os “quadros sociais da memória” são instrumentos que a memória coletiva utiliza para reconstruir uma imagem dos acontecimentos ocorridos no passado, de acordo com os valores e pensamentos da sociedade do presente, no tempo e espaço em que ocorre a recordação. (HALBWACHS, 2004, p. 25).

No conceito de quadros sociais, está presente a linguagem, um fator socializador para a memória coletiva. Bosi (1995) salienta “que o instrumento da memória que socializa é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural. Os dados coletivos que a língua sempre traz em si entram até mesmo no sonho” (BOSI, 1995, p. 56). A linguagem empregada nos jornais pesquisados possibilita o compartilhamento de informação em um grupo social. A partir da memória coletiva e social tem-se uma comunicação pública em uma sociedade. Em alguns casos, não é necessariamente coletiva, pois, sob certas condições, se produzem “interferências coletivas” que permitem a abertura recíproca, a inter-relação, a interpretação e a concordância da representação do passado de cada indivíduo (CANDAU, 2016). Nesse sentido, a reconstrução de um passado a partir de suas memórias sofre interferências, que podem ser quadros que não abandonam o homem sequer no sono, destacando-se a relação de espaço (aqui, ali...), as relações de tempo (agora, antes...) e as relações de causa e consequência (porque, para que...) (BOSI, 1995). Ainda conforme Bosi (1995), as convenções existentes em nossa sociedade, como as verbais, constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da memória coletiva. A linguagem é uma

transmissão social em um grupo que possui elementos de uma lembrança e o esquecimento de um determinado acontecimento (BOSI, 1995).

A partir de uma trajetória de vida e suas memórias, também se pode compreender um contexto artístico-musical. Entretanto, deve-se considerar que a atividade da memória se desenvolve coletivamente desde sua origem, pois se manifesta no “tecido das imagens e da linguagem que devemos à sociedade e que nos vai permitir dar uma ordem no mundo” (CANDAU, 2016, p. 31). O estudo da memória, na maior parte das vezes, sugere não reviver, mas refazer, repensar, com imagens do passado e ideias de hoje, as experiências do passado (BOSI, 1995). A reconstrução da memória, por meio dos vestígios do passado, faz compreender o seu papel socializador em um grupo social. A linguagem torna-se o fator social que refaz o passado, mesmo com algumas interferências, tornando possível compreender alguns fenômenos desenvolvidos em uma época.

2.2- Os Jornais e a história em Rio Grande

O jornalismo na cidade do Rio Grande passou por diversas fases. A primeira fase, entre 1832 e 1845, conforme Alves e Monico (2016), refletiu disputas essencialmente político-partidárias. Somente após o encerramento da Revolução Farroupilha, em 1845, e do processo de reconstrução da província, se daria a recuperação dos lides jornalísticos. A partir disso, começou a segunda fase da imprensa rio-grandina, desde a metade da década de 1840 até o final da de 1860, uma etapa de diversificação jornalística, com a edição de folhas literárias e noticiosas. Conforme Alves e Monico (2016, p. 28):

Assim, durante a segunda metade da década de quarenta e o final dos anos sessenta, houve um significativo progresso na imprensa, notadamente na parte sul da Província, pois o efeito combinado da conciliação no campo político com a relativa estagnação econômica da zona norte rio-grandense, em contraposição ao crescimento mais acelerado na campanha e na zona sul, decorrente do período de prosperidade das charqueadas, determinou um estacionamento no desenvolvimento da imprensa na capital e avanços proporcionais maiores na parte meridional.

O desenvolvimento da terceira fase da imprensa rio-grandina aconteceu durante as três últimas décadas do século XIX, após o declínio de jornais tradicionais pela mudança de produção. Nessa época, conforme Alves e Monico (2016), a imprensa encontrava-se dividida em grandes e pequenos jornais. Os primeiros eram mais prósperos,

providos de uma organização material, e contavam com a publicidade como uma das formas de sustentação, constituindo-se num estabelecimento comercial interessado em ampliar o número de leitores e de anúncios publicados. Os outros ainda se mantinham numa fase praticamente artesanal, nos quais o proprietário era, muitas vezes, o único responsável por todas as etapas da produção da folha, apresentando significativas dificuldades de organização e sustentação (ALVES; MONICO, 2016).

Após o advento da República, em 1889, os jornais foram úteis instrumentos de propaganda partidária aos republicanos. Apesar da primeira fase da República, a imprensa teve uma maior fase de censura por parte do governo. Alguns jornais mantinham seu discurso político-partidário, mas outros tiveram de suspender suas publicações. Conforme Alves e Monico (2016), os empreendimentos individuais, aos poucos, foram sendo substituídos pelas grandes empresas industriais. A passagem do século torna-se uma fase de transição quando os pequenos jornais artesanais cediam lugar às empresas jornalísticas, com estrutura dotada de equipamentos gráficos (ALVES; MONICO, 2016). Conforme Luca (1998), “tratava-se de atender aos imperativos da produtividade e de oferecer ao público uma mercadoria visualmente aprimorada, que incorporasse os rápidos avanços registrados nos processos de impressão” (LUCA, 1998, p. 33). Essa agilidade ocorreu pela “expansão telegráfica, do telefone, de ferrovias, enfim, de meios que possibilitavam a rápida circulação das notícias e que descortinavam novas possibilidades para a imprensa” (LUCA, 1998, p. 36).

Nesse processo, mudava também a orientação editorial, pois ocorria o desenvolvimento das artes gráficas, procurando conciliar no corpo de um diário, em suas múltiplas seções, o periodismo político, informativo, literário, técnico e comercial (LUCA, 1998).

Na fase pesquisada ocorreu a ampliação do discurso⁹ para diversas seções do impresso. Conforme Luca (1998), o jornal não perdeu o caráter opinativo, mas passou a incorporar outros discursos, como entrevistas e crônicas. Houve também a inserção de outros assuntos, como lazer, temas dirigidos ao público feminino, policial, fotografia, crítica, entre outros. Como aponta Luca (1998), no início do século XX,

O jornal, principal mercadoria da nascente indústria cultural, ditava modas e estilos, impunha ao cotidiano seu ritmo nervoso, apressado e superficial;

⁹ Refiro-me ao discurso conforme a autora Eni Orlandi, para a qual o discurso que concebe a linguagem faz a mediação entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possíveis a permanência e a continuidade do deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive (ORLANDI, 2003, p. 15).

consagrava certos autores e relegava outros ao ostracismo. Nas primeiras décadas do século XX, parte considerável da vida intelectual brasileira gravitou em torno da imprensa, encarada como uma atraente oportunidade de trabalho para os homens de letras. Ela era capaz de trazer fama, prestígio e lucros para os que caíssem no gosto do público, um gosto volátil, que deveria ser reconquistado a cada dia, a cada edição. (LUCA, 1998, p. 37).

No processo de construção do jornal como uma mercadoria cultural, ele informa as pessoas sobre sua comunidade em diversos âmbitos: urbano, político, literário e artístico. Nesse sentido, ocorria uma história da recepção, pois as notícias eram escritas conforme os acontecimentos no presente daquela sociedade. Em relação à história imediata, Lacouture refere-se ao “‘imediatismo’ que aspira um esboço, a primeira apresentação, os gestos vivos, a voz humana, e os odores de uma multidão e de um povo no trabalho e no combate” (LACOUTURE, 2005, p. 298). Ainda conforme o autor, “a história [está] voltada para recepção, pois é rápida na execução e produzida por um ator ou uma testemunha vizinha do acontecimento, e a evolução descrita prossegue no presente” (LACOUTURE, 2005, p. 280). A partir disso, observa-se que os discursos presentes nos jornais estavam ancorados no presente ao qual os falantes pertenciam, não sendo estes apenas testemunhas de um acontecimento, mas também atores sociais e algumas vezes protagonistas de suas histórias. Os discursos encontrados nos jornais eram de pessoas do passado, mas pensando no futuro. Com os diversos gêneros discursivos presentes nas colunas jornalísticas, pode-se refletir sobre as narrativas do passado. O documento seria capaz de tornar-se forjado ou fabricado estruturando-se um documento como monumento, auxiliando a reconstrução da história (LE GOFF, 2003).

Nesse sentido, também se utiliza o conceito de crítica de Paulo Ferreira de Castro (2017), quando o autor menciona que parece faltar, sobretudo no estado atual da investigação, uma abordagem crítica à crítica musical enquanto prática de escrita, ao mesmo tempo regulada e reguladora, visto que, como qualquer outro gênero literário, ela própria pode se constituir objeto de indagação (CASTRO, 2017). Em relação aos artigos de crítica no jornal, para Castro (2017),

[...] deve colocar-se: a de saber em que medida a crítica e o crítico são eles próprios intervenientes activos na produção da “realidade” histórica que constitui em última análise o objecto da pesquisa. Do mesmo modo que a “objectividade” de um qualquer relato histórico não pode deixar de surgir condicionada pelo estatuto pragmático do relator (e do leitor), o investigador não pode dispensar-se de se interrogar sobre a natureza das tipologias textuais (ou seja, necessariamente, intertextuais) na sua aproximação ao que geralmente

se entende por um artigo de crítica musical; como não pode permitir-se ignorar toda uma ecologia da prática crítica, envolvendo não apenas a dimensão informativa no seu sentido hermeneuticamente mais trivial, mas sobretudo a complexidade (por vezes, a opacidade) da relação multidimensional entre o autor da crítica, o seu objecto, o seu propósito, o seu medium, o seu leitor, e porventura o seu efeito – na medida em que este pode ser avaliado, o que aliás é sempre problemático. (CASTRO, 2017, p. 13).

O autor também salienta que crítica é uma modalidade de atuação; sendo assim, um exercício de poder “no sentido daquilo que os autores da *speech act theory* (teoria dos actos de fala) entenderam por acto ‘performativo’: um acto linguístico que não se limita a descrever um aspecto da realidade, mas que actua directamente sobre essa própria realidade” (CASTRO, 2017, p. 11). Nos jornais percebe-se também que nem sempre o que se encontra escrito nos artigos pode ser considerado crítica musical, pois, por vezes, são crônicas ou uma história da recepção. É por isso que “podemos perguntar-nos se o respectivo juízo não depende, em larga medida, da convicção assumida pelo próprio crítico – mais do que de uma ‘realidade’ difícil de circunscrever através das flutuações, contradições e indeterminações da opinião a que gostamos de chamar ‘pública’” (CASTRO, 2017, p. 11).

Na pesquisa em jornais, devem-se analisar os discursos jornalísticos, conforme Ruth Amossy. Para a autora, trata-se de uma “apologia da polêmica, pois ela fornece uma modalidade de interação certamente limitada e imperfeita, mas que preenche funções construtivas, precisamente em razão de seus limites e de seus defeitos” (AMOSSY, 2017, p. 216). Ela se refere ao conceito de *dissenso*, relacionado a uma discordância até mesmo violenta de opiniões (AMOSSY, 2017, p. 18). O dissenso no espaço social ameaça a harmonia, gerando a polêmica presente nos discursos jornalísticos, a “polêmica que opõe atores defendendo com virulência posições consideradas como verídicas – aparece como originada de uma forma de pensamento desvalorizado” (AMOSSY, 2017, p. 33). A dicotomização, a polarização e o descrédito ao adversário, geralmente acompanhados “de paixão e de violência, se traduzem em termos de procedimentos verbais e de estratégias argumentativas” (AMOSSY, 2017, p. 71). Desta forma, o que é construído no discurso gera a polêmica, fornecendo uma modalidade de interação, pois o conflito de opiniões preserva o pluralismo e a diversidade. As polêmicas estão presentes em todas as interações sociais, políticas, construindo e aproximando novos grupos sociais. Nos discursos jornalísticos, devemos analisar, conforme a autora menciona, os fatores de dicotomização, polarização e o descrédito que gera a polêmica.

A reflexão desenvolvida no capítulo discorre sobre a reconstrução da memória a partir do passado no presente por meio da memória coletiva e social. Nesse sentido, a memória sofre alterações quando nos lembramos do passado no presente. Logo, depende do contexto social em que o indivíduo vive, não sendo uma lembrança exata de um acontecimento. O conteúdo da narrativa de uma lembrança se altera com o tempo, mas algumas referências cercam o indivíduo, tornando-se, por meio da linguagem, um fator socializador para memória coletiva. Entretanto, não são necessariamente comuns pois produz interferências coletivas em relação a espaço, tempo e causa/consequência. A reflexão sobre a memória pública e a linguagem como fator socializador revela o discurso jornalístico como uma comunicação social.

Nas transformações dos discursos jornalísticos são introduzidos novos pensamentos e novas estruturas nas colunas. O imediato faz com que os colunistas/redatores sejam os atores ou protagonistas de suas histórias. Nesse sentido, pode-se, durante a escrita da narrativa, forjar algum acontecimento. Já a crítica é analisada como uma realidade histórica cheia de opiniões e indeterminação do meio público, um ato de atuação e exercício de poder.

Os discursos inseridos nos jornais estão presentes em colunas com narrativas que ocasionam o desacordo, o descrédito. Os elementos discursivos causam a polêmica sobre alguma temática, por exemplo, política ou cultural. As polêmicas geram as interações sociais e constroem um espaço de debate no meio público. Assim, o pluralismo deve ser considerado em uma análise do discurso, pois a opinião pública se constrói diante de sua diversidade, e em cada discurso pode estar empregada uma função social.

3- A cidade do Rio Grande entre 1900 e 1930

O capítulo discorre sobre a cidade do Rio Grande como zona portuária e industrial, no início do século XX, abrindo espaço para novos personagens sociais, por meio da indústria, do comércio, dos imigrantes. A expansão da área urbana originou ambientes para lazer e entretenimento, enquanto a prática musical se ampliava com a cidade.

3.1- Cidade do Rio Grande

No início do século XX, a cidade encontrava-se com inúmeros problemas de ordem social e urbana. A Intendência Municipal adotou algumas medidas destinadas ao projeto de urbanização, desde o básico – como eletricidade, água, esgoto e saneamento dos dejetos, passando pela educação e pela segurança pública – até o embelezamento das praças, calçamento e a instalação de um bonde. Porém, a demanda de necessidades em investimentos era maior que os recursos financeiros disponíveis, e os problemas se estabeleceram mais rápido do que as respostas do poder público (TORRES, 2015).

Em prol da urbanização (Figura 1) no período republicano, foram tomadas algumas medidas, como obras de esgoto urbano, com a implementação de um pensamento sanitaria. Ocorreu também a implementação dos bondes na propriedade da Viação e Iluminação Elétrica do Rio Grande, em 1919. Em 1923, foram adquiridas duas locomotivas elétricas da Siemens-Schuckertwerke, de Berlim, com os números 1924 e 1925. A locomotiva 1924 ainda pode ser vista é a chamada “zorra”, que está na área infantil da Praça Tamandaré. Em relação à água, o trabalho de abastecimento foi concluído entre 1922 e 1923 (TORRES, 2015).



Figura 1 - Cidade do Rio Grande, s.d. Fonte: www.riograndeemfotos.fot.br.

O projeto de urbanização, que ocorreu devido ao processo de desgaste da Monarquia até a instauração da República, foi um processo complexo que abrangeu, além da abolição e do movimento republicano, a ascensão das camadas médias como novos grupos urbanos e o descontentamento com a política imperial. Houve, ainda, a influência dos militares, que também pressionavam o governo por maior representatividade política desde a Guerra do Paraguai. Uma série de mudanças se aceleraram a partir de 1870, relacionadas à industrialização, imigração, aumento populacional, crescimento das cidades, exigindo também a modernização do Estado brasileiro (LARSEN, 2018).

Em nível político na cidade do Rio Grande, conforme Torres (2015), na transição do capitalismo mercantil para o industrial, o setor pecuarista-charqueador se fez influente junto à Câmara de Vereadores e à Intendência Municipal, com os chamados representantes do coronelismo. Na Primeira República desenvolveu-se a decadência econômica na representação política do setor rural, ocorrendo a queda do coronelismo local e uma visão mais gerencial e burguesa da cidade, na década de 1910 (TORRES, 2015).

No âmbito da economia, a cidade migrou de um capitalismo mercantil colonial para um capitalismo industrial. Com a transição capitalista, ocorreu a implementação do Porto Novo, inaugurado em 1915, e a construção dos Molhes da Barra, que possibilitaram um fluxo de mercadorias ligadas à industrialização (TORRES, 2015). Conforme Torres

(2015), a Barra do Rio Grande foi oficialmente inaugurada para a navegação. Iniciava-se uma nova etapa de abertura para o comércio marítimo num contexto local de inserção nos quadros do capitalismo industrial (TORRES, 2015). Com a implementação do Porto Novo, o Porto Velho (Figura 2) manteve sua relevância para a cidade em relação ao ancoradouro de embarcações de pequeno e médio porte, descarga de pescado e tráfego de passageiros, assim como de embarcações ligando Rio Grande a São José do Norte e às Ilhas (TORRES, 2015).



Figura 2 - Cais do Porto Velho, 1910. Fonte: Memória do Cais do Porto Velho de Rio Grande (TORRES, 2009, p. 4).

A exportação e a importação giravam em torno de produtos agrícolas da zona rural, como a produção de milho, feijão, trigo, centeio e arroz¹⁰, e, também, o charque vindo da cidade de Pelotas. As indústrias, instaladas na cidade desde o século XIX, pertenciam a imigrantes portugueses, alemães, italianos, ingleses e outros, e voltavam-se à exportação de derivados do gado e produtos agrícolas, além de produção têxtil, ampla variedade de enlatados (TORRES, 2015) e manufaturados, como os derivados de petróleo, produtos domésticos ou industriais.

A cidade possui até o momento uma trajetória voltada para o pescado,¹¹ em virtude de sua área costeira. Nas últimas décadas do século XIX, havia numerosos imigrantes

¹⁰ Conforme IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico e econômico 1803-1940. Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1981.

¹¹ Conforme IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico e econômico 1803-1940. Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1981.

portugueses, entre eles pescadores artesanais que se fixaram na cidade, localizando-se na parte do sul da Lagoa dos Patos (TORRES, 2015). Conforme Torres (2015), o marco inicial do parque pesqueiro industrial, em 1889, está relacionado com a empresa Leal Santos, que se destinava à produção de pescado enlatado. O Porto do Rio Grande não representou apenas a porta de entrada da Província em termos de mercadorias, servindo também à circulação de informações, ideias e opiniões, pois as notícias nacionais e internacionais chegavam primeiro à cidade do Rio Grande (ALVES; MONICO, 2016).

O processo de industrialização de Rio Grande esteve relacionado também a fábricas pequenas (chapéu, vela) e grandes (charuto, biscoito) que trabalhavam produtos da região e, em sua grande maioria, voltavam-se a atender ao mercado nacional (XERRI, 1996).

Em relação ao desenvolvimento territorial, a cidade, primeiramente, se expandiu para o oeste, entre 1874 e 1910, registrando o início da industrialização em Rio Grande através da fundação da fábrica de tecidos Rheingantz (MARTINS; PIMENTA, 2004). Em outro momento, a ampliação de espaço, conforme Martins e Pimenta (2004), tem relação com as empresas industriais quando, no período de 1917 a 1918, ocorreu a instalação de três grandes frigoríficos de capital estrangeiro no Rio Grande do Sul. Dois se instalaram em “Santana do Livramento (Wilson e Armour) e um em Rio Grande (Cia. Swift S.A. do Brasil) (Figura 3), que se estabeleceu em uma área do novo porto da cidade” (MARTINS; PIMENTA, 2004, p. 92). O frigorífico empregava 1.500 funcionários.

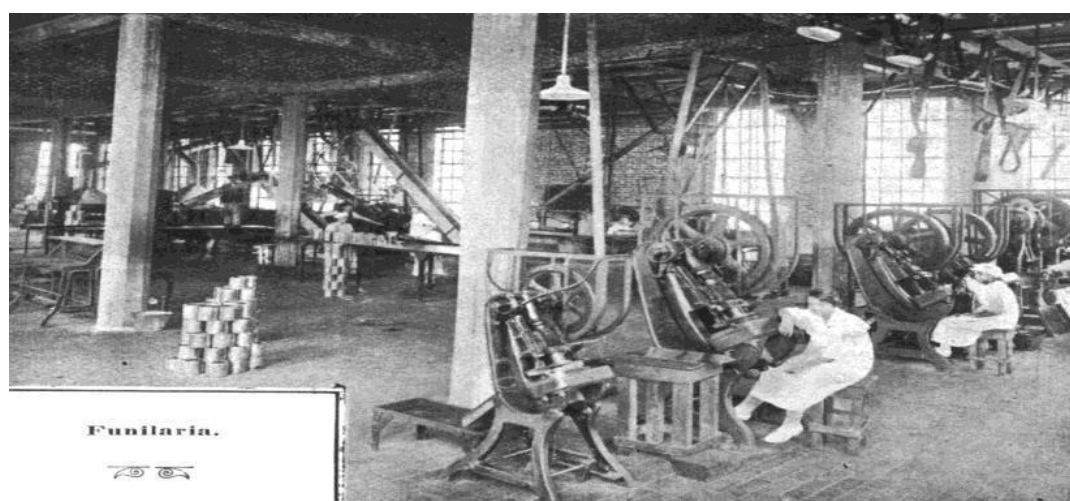


Figura 3 - Operárias na fábrica Swift, 1920. Fonte: Livro *História do município do Rio Grande* (TORRES, 2015, p. 64).

Além do frigorífico, havia novas estruturas industriais, como a do pescado, além de outros variados setores. Como exemplo, tem-se o “imigrante italiano Luiz Loréa, que implantou, juntamente com outros sócios, nada menos que uma empresa na área de metalurgia, uma fábrica de aniagem, uma empresa de óleo vegetal, uma cordoaria e um estaleiro” (MARTINS; PIMENTA, 2004, p. 93). E a ampliação da área demográfica, que passou de 2.960 hectares, no ano de 1900, para 3.077¹² hectares, em 1920. O aumento do território urbano ocorreu também devido à implementação de novas zonas urbanas, a partir de comércios, vilas, comunicações, transportes.

Outra expansão territorial foi devido à área industrial, à formação de vilas com moradias destinadas à classe operária, instalações perto das fábricas onde trabalhavam. Denominadas de vilas operárias ou casas em fita, essas construções encontravam-se ainda em razoável estado de conservação. A classe operária na cidade era formada por pessoas provenientes da época da escravidão, dos setores urbano e rural e pessoas advindas do fluxo imigratório, e, além disso, era constituída por crianças e mulheres. Conforme Xerri (1996, p. 92),

A composição da classe operária abrangia elementos provenientes da época da escravidão, advindos da área rural e do setor urbano, e foi, desde cedo, composta por mulheres e crianças, utilizadas principalmente nas indústrias têxteis, por receberem salários menores. As crianças eram, muitas vezes, recrutadas junto a orfanatos e casas de caridade e em algumas situações exerciam suas funções de forma gratuita em troca de alimentação.

Com o aumento populacional e as precárias condições de vida de representativa parcela da população, os problemas sociais se fazem sentir nos altos níveis de mortalidade (TORRES, 2009). Conforme Neckel (2003), havia uma “noção sobre ‘classes pobres e classes perigosas’, pois ser pobre era sinal de doença e cujos maus hábitos contribuíram para o surgimento de epidemias e das desordens da cidade” (NECKEL, 2003, p. 50). Isso ocasionava segregação social, pois as obras de saneamento levaram as pessoas de renda baixa a moradias como cortiços e aglomerados, distantes do centro da cidade. Conforme Pesavento (1992),

Considerando a situação histórica específica do Rio Grande do Sul, o discurso sobre a higiene, a moral e a estética que implicava o deslocamento dos pobres para os arrabaldes tanto mediatizava interesses burgueses quanto revelava a existência de uma pressão social das populações urbanas em termos de

¹² Conforme IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico e econômico 1803-1940. Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1981.

moradia, o que se apresentava como um problema posto. Da mesma forma, o encaminhamento de soluções legais, como o loteamento dos arrabaldes, lidava com as duas pontas da cadeia: a tensão social presente nos centros urbanos e as possibilidades de especulação imobiliária. (PESAVENTO, 1992, p. 106).

As obras de saneamento não foram realizadas para melhorar as condições de higiene dos habitantes em geral, mas de alguns setores privilegiados, ampliando suas distinções em relação às classes mais desfavorecidas (NECKEL, 2003, p. 91). Durante esse processo, a população residente nas vilas operárias era remanejada para áreas periféricas, aumentando a segregação social, pois pobreza era sinal de doença.

Devido à instalação de um polo industrial, conforme Torres (2015), “o resultado foi a ocupação, desde a década de 1920, de áreas próximas à Swift e o surgimento da Vila do Cedro (atual Bairro Getúlio Vargas)” (TORRES, 2015, p. 48). Também ocorreu a expansão da cidade para o oeste, além dos limites do bairro Cidade Nova, ocupando a área Hidráulica e o Canal do Norte. Para isso, a criação de um bairro ortogonal ao norte da Hidráulica, juntamente com a estrutura montada mais a oeste e destinada ao lazer – o hipódromo –, representaria os principais elementos de expansão (TORRES, 2015).

Nessa época, as habitações do operariado eram cortiços que ficavam aglomerados nos arredores das áreas industriais, as vilas operárias. A disposição espacial das casas dos trabalhadores e dos engenheiros era diferente, pois as dos operários se assemelhavam a um cortiço e as dos engenheiros e técnicos eram edificações no estilo arquitetônico dos seus países (TORRES, 2015). Conforme Quaresma (2012, p. 105),

As autoridades políticas e o corpo médico condenavam os cortiços, alegando que esses locais eram maternidades para marginais e antros proliferadores de doenças contagiosas, contudo não desenvolveram políticas administrativas para solucionar ou atenuar o problema de moradia na cidade do Rio Grande.

As casas construídas a partir de 1885 eram alugadas por valores baixos, pela empresa, aos operários; conforme Torres (2015), a intenção era disciplinar os trabalhadores (TORRES, 2015). O surgimento da escola junto ao espaço da fábrica apresentava um importante papel de socialização, preparação para o trabalho e controle ideológico da atual ou futura força de trabalho (TORRES, 2015, p. 44). As fábricas não ofereciam somente moradia à parte de seu coletivo de operários, mas também uma série de outros serviços relacionados à educação, à recreação etc. (MARTINS; PIMENTA, 2004, p. 98). Conforme Xerri (1996), em relação à transição e à classe operária,

Se antes a vida girava em torno das atividades agropecuárias, se o comércio era reduzido e o porto ineficiente, com a implantação das oficinas e das fábricas, aos poucos, o cotidiano foi se transformando. Essas transformações podem ser observadas desde as áreas povoadas da cidade até o uso de novos produtos no comércio, a necessidade de melhorias nas instalações urbanas e o surgimento e fortalecimento gradual de uma nova categoria social urbana, o operariado industrial, que juntamente com os demais diversificaram o cotidiano rio-grandino em várias ocasiões. (XERRI, 1996, p. 94).

O operariado industrial se organizou no período em questão para buscar melhorias de trabalho e moradia. Conforme Xerri (1996), um dos meios que informava a população sobre as precárias condições de trabalho era o jornal *Echo Operário*. Com o aumento de reivindicações, começaram as greves dos trabalhadores na cidade, que reivindicavam a diminuição das horas de trabalho, de dez para oito, o aumento de 25% dos salários, e o pagamento por dia, e não mais por hora (XERRI, 1996).

Outra atividade desenvolvida foi a implementação, no final do século XIX, de um balneário. Conforme Torres (2015), o projeto de um balneário foi apresentado em 1885, pela Companhia Carris Urbanos, com intenção de inserção de uma ferrovia da cidade do Rio Grande até o balneário, construção de um hotel e uma linha telefônica. A inauguração oficial do balneário deu-se com a abertura do tráfego ferroviário em 20 de janeiro de 1890 e com o transporte de passageiros no dia 26 do mesmo mês (TORRES, 2015). Chamado de Vila Siqueira (atual Praia do Cassino), havia um hotel cassino onde os músicos locais, nacionais e internacionais se apresentavam em diversos espetáculos.

Em relação à expansão da área urbana da cidade do Rio Grande, no início do século XX, havia um espaço para as atividades de divertimento na cidade. Desta forma, começou-se a fundar cafés, como o Dalila, e também o hotel Paris (Figura 4), ambientes que proporcionavam uma forma de civilidade para aquela população. Segundo Torres (2015, p. 65), os “cafés e as confeitarias são locais de reunião da elite, como o Café Dalila, Café Nacional, Confeitaria Sol de Ouro etc. Restaurantes se notabilizaram pela qualidade gastronômica, como o Gruta Baiana, especializado em frutos do mar, e o American Bar do Hotel Paris”.



Figura 4 - Hotel Paris, 1916. Fonte: Livro *História do município do Rio Grande* (TORRES, 2015, p. 65).

No período pesquisado na cidade do Rio Grande, formaram-se grupos das camadas médias – como pequenos empresários, comerciantes e funcionários públicos – em contraposição a uma elite econômica e cultural. Outros personagens sociais surgiram com a industrialização, como o proletariado.

3.2- Espaços para prática musical e atividades de ensino

Os ambientes para prática musical na cidade do Rio Grande, nas primeiras décadas do século XX, eram espaços fechados de sociabilidade e ambientes ao ar livre. Em relação ao ar livre, as praças (Figura 5) tornaram-se um lugar de sociabilidade para a população, para atividades como piqueniques e apresentações musicais sacras e profanas. Conforme Torres (2015),

As praças eram espaços funcionais e de sociabilidade que foram sendo aformoseados ao longo do século 19. A Praça Xavier Ferreira foi delimitada na década de 1810 e se tornou, com as obras de melhoramento, o “Boulevard Rio-Grandense” a partir da década de 1870. Ali foram colocados alguns dos mais importantes monumentos, inclusive a Estátua da Liberdade, o primeiro em espaço público no Brasil enaltecendo o fim da escravidão. (TORRES, 2015, p. 32).



Figura 5 - Praça General Telles (atual Xavier Ferreira), 1904. Fonte: Espaços de Memória da praça Xavier Ferreira, Luiz Henrique Torres, p. 27, 2016.

Também havia os espaços fechados de sociabilidades, destinados a recreação, esportes, eventos carnavalescos, políticos, filantrópicos, sindicais/políticos, cineteatros, clubes e salões que se destinavam às apresentações do teatro dramático, das companhias musicais nacionais e internacionais, recitais, bailes, entre outros, e também ambientes de ensino de música privado e público, como os conservatórios de música fundados na década de 1920.

3.2.1 Associações, clubes/salões e sociedades

Na cidade havia associações e clubes diversos, com grêmio dramático, sede própria e banda musical, eram sindicais/políticas, de amparo mútuo, carnavalescas. Também eram atuantes na cidade as sociedades musicais particulares, as quais tinham intenção de organizar eventos musicais e/ou ensino musical. As bandas vinculadas a essas instituições estavam presentes em diversos eventos sociais, militares e civis, sacros e profanos, e eram formadas por músicos amadores e profissionais. Conforme Bittencourt (2007), os clubes e as sociedades possuíam sede própria com vasto salão – por vezes com pequeno palco destinado às apresentações teatrais – e muitos contavam inclusive com sala de jogos, biblioteca, banda musical, grupo de dança e grêmio dramático. As associações que não dispunham de salão de festas valiam-se, frequentemente, dos teatros ou cineteatros para suas reuniões e promoções (BITTENCOURT, 2007). As associações,

os clubes e as sociedades eram fundados pelo operariado da cidade, pelas camadas médias e pela burguesia.

Em relação às associações operárias, pode-se mencionar a Sociedade União Operária, fundada no final do século XIX, em 1º de maio de 1894. Conforme Torres (2015), na Sociedade União Operária, lideranças socialistas ou anarquistas buscavam encaminhar demandas de melhores condições de trabalho e salário para o expressivo operariado local. Havia uma preocupação com a educação dos sócios e dos familiares, apoio financeiro nos momentos de dificuldade e vida cultural com teatro/bailes/festas (TORRES, 2015). Segundo Bittencourt (2007, p. 179), “[...] interiormente, a construção apresentava um salão, no qual se realizavam reuniões sociais e bailes, e um pequeno palco, onde seu grêmio lírico dramático e demais grupos artísticos locais atuavam continuamente [...]”. Ofereciam cursos noturnos de alfabetização, contavam com uma biblioteca e um espaço recreativo, o qual dispunha de banda musical e um grêmio lírico dramático. O palco da União Operária (Figura 6) do Rio Grande, cujo Grêmio Lírico Dramático foi instituído em 1902, chegou a receber um público superior a 500 pessoas por apresentação (TORRES, 2015).



Figura 6 - Atividade no salão da União Operária, 1918. Fonte: Livro *História do município do Rio Grande* (TORRES, 2015, p. 64).

As apresentações do grêmio lírico dramático podem ser verificadas por meio de um anúncio no jornal *A Lucta*, que menciona o repertório apresentado da União Operária: “Domingo à noite a Sociedade União Operária realizará no seu palco-salão um festival, sendo representado pelo grêmio lírico dramático da União Operária o drama em 5 actos ‘Os salteadores da Floresta Negra’” (A LUCTA, 28 ago. 1924). Para a militância operária, o teatro constituía uma atividade político-pedagógica, buscando formar uma moral operária (TORRES, 2015, p. 46). Outra informação coletada foi sobre a associação recreativa classista do clube Recreio Operário (1885). Encontrou-se uma notícia sobre o seu grêmio lírico dramático do dia 19 de maio de 1904: “O grêmio lírico dramático da Sociedade Recreio Operário leva em cena no teatro Sete de Setembro o drama em 3 actos e 6 quadros: *Há dezessetes anos*” (ECHO DO SUL, 19 maio 1904).

Na cidade também havia diversas associações recreativas carnavalescas que incluíam em sua estrutura sede própria e grêmio lírico dramático. O jornal *Echo de Sul* de 10 de fevereiro de 1904 lista as seguintes: Clube Carnavalesco Araras (Figura 7) Bohemios, Saca-Rolhas, Club João Minhoca, Club Alegria, Braço de Lyra, Club Cabriolantes, Alegria, A Gacha e Barril, Congo.



Figura 7 - Carro alegórico do Clube Carnavalesco Araras em desfile pela rua Marechal Floriano. Ao fundo, vê-se o edifício do Cinema Ideal Concerto. Carnaval de 1920. Fonte: Livro *Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade* (BITTERN COURT, 2007, p. 77).

Os cordões carnavalescos, como Congo e Recreio Operário, eram constituídos pela população negra, e foram encontradas informações bibliográficas sobre sua participação nas festividades da abolição da escravatura. Conforme Costa (2013, p. 2), “os jornais descreviam minuciosamente os acontecimentos e a participação da sociedade rio-grandina nas festas da Abolição, [...] como o grêmio Recreio Operário, composto por negros”.

Também se encontrou uma notícia sobre cordão carnavalesco no jornal *O Tempo* do dia 27 de março de 1926, mencionando uma banda musical incorporada ao rancho carnavalesco Braço-Braço: “Banda musical. O Rancho Carnavalesco ‘Braço é Braço’, desta cidade, resolve anexar ao mesmo uma banda de música, tendo confiado a sua regência ao Sr. Antonio Gomes. A novel banda denominar-se-á ‘União Bracista’” (*O TEMPO*, 27 mar. 1926). Encontrou-se, também, informação sobre a formação instrumental da estudantina da Sociedade Carnavalesca Bohemia: dois violões, cavaco, cavaquinho, bombardino, caixa surda (*A LUCTA*, 10 maio 1926).

Registros de eventos em que o grêmio dramático do clube caixeiral estava encenando também foram localizados. O clube “órgão caixeiral” defendia os caixeiros “escravizados pela ganância dos patrões” (TORRES, 2015). Era um espaço de sociabilidade da militância trabalhadora, social/sindical, mas também de atividades musicais, como bailes, apresentações de grêmios líricos dramáticos, e mantinha um jornal chamado *A Lucta* (TORRES, 2009). O jornal *Echo do Sul*, de 14 de março de 1904, menciona a atuação do grêmio lírico dramático do Clube Caixeiral: “O grêmio lírico dramático do Club Caixeiral, no Teatro Sete de Setembro, encenou os dramas *Amor e Orgulho* e a comédia *Por causa de um algarismo*” (*ECHO DO SUL*, 14 mar. 1904).

Outro clube existente na cidade na época estudada foi o da associação recreativa esportiva União Fabril, onde havia uma banda e um salão para festas. Em relação a essa instituição, Torres (2015, p. 44) afirma que, “em 1891, o Comendador unificou a fábrica de tecido com a produção da matéria-prima (lã). A nova instituição chamou-se Companhia União Fabril e Pastoril. A empresa chegou a empregar mais de 1.200 trabalhadores e foi a primeira grande indústria gaúcha”. Encontrou-se informação sobre a atuação da sua banda musical em festividade religiosa, realizada na cidade no dia 25 de janeiro de 1927, na coluna Echos religiosos, do jornal *O Tempo*: “Revertiram pompa actos da festa do Senhor do Bom Fim, que se celebraram domingo ultimo, na respectiva igreja.

Este ficou depois aberto à visitação pública, até pelas 22 horas, tendo a afinada banda ‘União Fabril’” (O TEMPO, 25 jan. 1927).

As sociedades musicais particulares com banda vinculada participavam das variadas atividades artísticas na cidade. Além das apresentações nos teatros, estavam presentes em quermesses, eventos religiosos e saraus, entre outras festividades. Entre as sociedades que possuíam bandas vinculadas, identificou-se a Sociedade Lyra Artística (1905), segundo o jornal *Echo do Sul*, tocando no intervalo de um evento: “A companhia sul rio-grandense dirigida pelo Pedro Saballa encenara o drama *Homem Colera*. Nos intervalos toca a banda Lyra Artística no teatro Polytheama Rio Grandense” (ECHO DO SUL, 16 jun. 1910). Outra atividade musical encontrada dessa instituição foi em um evento de uma companhia teatral italiana, no teatro Polytheama Rio-Grandense, no ano de 1904, onde a banda musical Lyra Artística tocou no intervalo. Conforme a notícia: “A companhia Italiana Ligure com o Cav. Pellerano se apresentara no teatro Polytheama Rio-Grandense, o repertório composto por zarzuelas *Um martelo Zeloso*, *Uma noite de anos* e as *tentações de Santo Antonio*. Durante os intervalos tocaram a banda musical Lyra Artística e a orquestra regida pelo maestro Sr. Angelo Tagnini” (ECHO DO SUL, 24 fev. 1904).

Outra entidade atuante da época foi a Duas Côroas (1887), que realizou apresentação de sua banda na sede da União Operária, conforme informações encontradas: “Grêmio Lírico Dramático anexo à sociedade União operária. Exibe o drama *Brazão do Artista* e a comédia *O idiota*. Antes de começar o sarau a banda musical Duas corôas executou o hynno operário” (ECHO DO SUL, 3 jan. 1910). Em outra notícia, a banda apresenta-se na procissão de Dia de Reis: “Apresentação da banda musical Duas Corôas no dia de reis acompanhando a procissão” (ECHO DO SUL, 6 jan. 1910).

Outros ambientes para apresentações musicais, além de clubes, eram os salões de festas. Um desses espaços foi verificado no Hotel Cassino, localizado no balneário da cidade, denominado de Vila Siqueira (atual Praia do Cassino). Conforme Bittencourt (2007), passou a atrair as elites das principais cidades do Rio Grande do Sul, sobretudo de Rio Grande, Pelotas, Bagé e Porto Alegre; os seletos veranistas reuniam-se no Hotel Cassino, onde havia festas e espetáculos dramáticos. As notícias sobre as festas no interior do Hotel Cassino localizam-se em narrativas jornalísticas, como no jornal *A Lucta*, mostrando que as apresentações eram de músicos locais e também vindos da cidade de Pelotas: “Baile do Cassino [...] tocarão duas orquestras, uma que actua naquella praia de banhos e o jazz-band do maestro Amor de Pelotas” (A LUCTA, 10 fev. 1925). O salão

de festa que havia no balneário da cidade promovia interação entre os músicos de Rio Grande e Pelotas, em virtude das apresentações de orquestras.

As novas práticas musicais estavam atuando em diversos ambientes. Em relação a esse contexto artístico-cultural, conforme Souza (2010), a música fazia parte das diversões noturnas, como em estabelecimentos comerciais: “[...] unia-se à dança nos salões dos clubes ou servia de sonorização para os cafés e confeitarias. Boa parte dos novos estabelecimentos que surgiam no ramo da diversão e da gastronomia passaria a empregar pequenas orquestras ou conjuntos musicais” (SOUZA, 2010, p. 97). Na cidade do Rio Grande não seria diferente. Com a ampliação das áreas de entretenimento e novas práticas musicais, a cidade estava expandindo sua sonoridade.

A proliferação de associações fundadas por imigrantes se tornou intensa na cidade nas primeiras décadas do século XX. Clubes alemães, italianos, poloneses, portugueses – cujos nomes lembravam os períodos políticos do Brasil, como a Liga Monárquica D. Manoel II (1918) e outros – traziam o nome “Republicano”, como o Centro Republicano Português (1912). Conforme Torres (2015, p. 64),

As associações recreativas, esportivas, camavalescas, políticas, filantrópicas, de mutualidade etc., já faziam parte do cenário cultural da cidade e proliferaram ainda mais no século 20 (especialmente, na primeira metade). Associações que representavam nacionalidades proliferaram na cidade, como os clubes alemão, italiano, polonês (Sociedade Cultural Águia Branca) e espanhol. As associações portuguesas eram as mais numerosas: Centro Republicano Português (1912); Liga Monárquica D. Manoel II (1918); União Portuguesa (1920); Grêmio Lusitano (1928) e Centro Português (1932). Datas comemoradas nestes países resultavam em atividades festivas que colocavam a comunidade local em sintonia com este cosmopolitismo.

A sociedade musical italiana Gioacchino Rossini (Figura 8) é um exemplo de grupo de imigrantes. Foi fundada por um grupo de italianos em 30 de novembro de 1890 (TORRES, 2015), permaneceu atuante no início do século XX e está em funcionamento até hoje na cidade. O programa de concerto mencionado no jornal *O Tempo*, no dia 14 de novembro de 1925, consistia num repertório diversificado de gêneros, como marcha, polca, maxixe e valsa. A apresentação ocorreu na Praça General Telles (atual Xavier Ferreira).



Figura 8 - Banda Musical Gioacchino Rossini, s.d. Fonte: Arquivo Fonográfico do Museu Histórico da Cidade do Rio Grande.

Encontrou-se informação de outra associação italiana, como o Círculo Recreativo Italiano no ano de 1904, conforme notícia no jornal *Echo do Sul*: “Estréia no Polytheama, o grêmio lírico dramático do círculo recreativo Italiano. Subirão à scena o drama *Trovatilla di Santa Maria* e a comedia denominada *Il Formaio e la cucitrici*” (ECHO DO SUL, 7 fev. 1904).

Cita-se, também, a Sociedade Musical Alemã (1907), cuja menção ocorre em um documento do arquivo municipal e histórico da cidade do Rio Grande (RIO GRANDE, 1907). Em relação à imigração alemã, Torres (2015) salienta: “A influência da comunidade germânica foi decisiva para a fundação, em 1900, do Rio Grande, que é o clube de futebol mais antigo do Brasil em atividade. A participação em clubes sociais, recreativos e representações diplomáticas é referência de status para a elite ligada ao comércio e indústria” (TORRES, 2015, p. 64). Na corrente migratória que ocorreu na cidade, havia pessoas de diversas nacionalidades que eram não só colonos destinados ao trabalho de mão de obra na zona rural e (industrial), mas também “eram colonos enriquecidos pelo comércio colônia-capital, e vice-versa, ou ainda imigrantes vindos direto da Europa para o meio urbano (alemães, italianos) e que vão dedicar-se ao comércio, ensino, profissões liberais” (LUCAS, 1980, p. 156).

3.2.2 Ensino de música e circulação de instrumentos

As atividades de ensino de música eram provenientes do vínculo privado – por meio de escolas particulares, sociedades musicais particulares, instituições religiosas – e do público – por meio dos conservatórios de música. Com o ensino de música, também ocorreu o surgimento do comércio especializado, conforme Lucas (1980), “para atender ao consumo de instrumentos musicais, partituras, manuais de música”, sendo o número de estabelecimentos criados com essa finalidade, útil para “avaliar a extensão desta demanda” (LUCAS, 1980, p. 157). A partir do ensino de música, ocorreu um circuito de vendas de instrumentos musicais na cidade, voltado ao estudo de um instrumento, ao canto, à composição ou à regência (LUCAS, 1980). Também ocorreu um mercado editorial de partituras na época pesquisada com publicação de obras voltadas à prática amadora, principalmente de canto e piano, revelando a existência de uma instância de prática musical (letrada) privada das camadas médias e da elite (LARSEN, 2018).

Com o vínculo privado, pode-se mencionar a escola do compositor Antenor de Oliveira Monteiro (1872-1948), que consta no jornal *O Tempo* de 23 de março de 1922. O anúncio menciona um curso noturno com ênfase em teoria, solfejo, violino e bandolim. Também havia a escola da professora Iracema dos Santos, mencionada no jornal *Echo do Sul*, de 24 de novembro de 1933. O artigo faz referência a um coro vocal associado a essa instituição de ensino.

O ensino de música também era ministrado pelas sociedades musicais de forma gratuita. Conforme o anúncio da sociedade italiana Gioacchino Rossini, no jornal *A Lucta*, “Toda a pessoa que quizer aprender theoria, divisão e aprender a tocar qualquer instrumento para banda pode dirigir-se á sêde da sociedade. Gioacchino Rossini as 2º e 5º feira das 20 horas em diante para matricular-se. A matricula também será grátis” (*A LUCTA*, 25 ago. 1926). Outra forma de ensino de música era em instituições religiosas, como a do Colégio S. Joana D’Arc, instituição dirigida pelas irmãs de S. José, que ministravam no ensino primário e secundário aulas de piano e violino (*O TEMPO*, 24 fev. 1926), e a Escola Carlo Gomes, dirigida pelos professores José Faini e D. Alice Faini Lara (*O TEMPO*, 29 fev. 1928). As instituições privadas, sociedades musicais e escolas religiosas revelaram um papel relevante para o desenvolvimento do ensino de música na cidade do Rio Grande.

Sobre o vínculo público do ensino, localizaram-se dados a respeito dos conservatórios de música na cidade. Entre os anos de 1922 e 1924, houve um processo de ensino musical público, por meio da fundação de dois conservatórios destinados ao interesse do ensino e da promoção de concertos de artistas reconhecidos nacional e internacionalmente (GOLDBERG; NOGUEIRA, 2010). A educação por intermédio da fundação de conservatórios revelou que o diletantismo musical no estado do Rio Grande do Sul começava a se organizar, desenvolvendo um processo de profissionalismo (LUCAS, 1980). Esse processo implicou o surgimento de redefinição social do profissional da música; assim, “a migração para um novo contexto de especialização fez com que a participação do ente público se mostrasse primordial, oficializando e padronizando a instrução musical”, sendo que “a institucionalização do ensino equivale à institucionalização da profissão” (GOLDBERG; NOGUEIRA, 2010, p. 71).

O comércio de instrumentos especializado na cidade era de importados, sendo que foram localizados anúncios de pianos provenientes de países como a Alemanha, os Estados Unidos e a França, como publicado em abril de 1922 em *O Tempo*:

Pianos
 ALLEMÃES- F. Kulha - qualidade garantida
 AMERICANOS-Waschburn artigo superior, grande modelo
 DITOS- com apparello para imitar bandolim
 FRANCEZES- de ½ cauda, da famosa fabrica Gaveau
 Vende-se
 << AO MANECA AMARO>> Rua Marechal Floriano 213.
 Rio Grande. (O TEMPO, 9 abr. 1922).

Também foram localizados à venda outros instrumentos musicais, como violinos, violões, mandolins e clarinetes, como anunciado no jornal *A Lucta* de 29 de setembro de 1924:

CORDAS: Para violino, Mandolim e violão
 Palhetas para clarinete - - afinadores para corda de aço de violino
 Resina especial – Dó – Ré – mi - - Diapasões
 Artigo Garantido de 1º Qualidade
 Na papelaria d’ A Lucia - - M. Floriano 584. (A LUCTA, 29 set. 1924).

Outras notícias revelam a venda de instrumentos de madeira e metal, como anunciado no jornal *O Tempo* de 25 de janeiro de 1921:

Instrumentos
 De madeira, Clarinetes sib mil e dó, Flautas de Ebano de 6 e 10 chaves.
 Violinos 1/1 varias qualidades, francezes da antiquissima fabrica Gautros.

Pistons, Trompas e mais instrumentos de metal dos mesmos famosos fabricantes. [...] o Maneca Amaro
 Rua Marechal Floriano n. 213
 De Alcides Barcellos. (O TEMPO, 25 jan. 1921).

Com as notícias encontradas, percebem-se variedades de instrumentos musicais que estavam sendo vendidos na cidade nas primeiras décadas do século XX. Dois estabelecimentos musicais foram encontrados, Maneca Amaro e Papelaria d'A Lucia.

3.2.3 Teatros, cineteatros e rádio

No processo de transição do período do Império para a República, fundaram-se ou revitalizaram-se variados espaços fechados de sociabilidade, como os teatros. Conforme Bittencourt (2007), “entendido como condição tipicamente urbana de civilização, um espaço teatral é um local social onde se desenvolvem atividades cênicas, notadamente artísticas e/ou culturais, perante indivíduos voluntariamente reunidos” (BITTENCOURT, 2007, p. 112). Os teatros foram exemplos de espaços que percorreram ambos os períodos. O primeiro foi o Teatro Sete de Setembro, fundado em 10 de setembro de 1832, com capacidade para 1.200 pessoas, ao qual se relacionam festejos pelo patriótico dia que relembra a independência nacional, o dia 7 de setembro, incluindo a inauguração do novo prédio teatral. Conforme Gimenez (2014), tal instituição foi de grande importância durante a formação da literatura sul-rio-grandense, pois textos poéticos e dramáticos produzidos a partir de seu surgimento foram capazes de influenciar autores contemporâneos e também das gerações seguintes, ajudando na solidificação cultural da cidade (GIMENEZ, 2014). Outro espaço foi o Teatro Polytheama Rio-Grandense (Figura 9), de 1876, com capacidade para 1.600 pessoas.



Figura 9 - Teatro Polytheama Rio-Grandense, s.d. Fonte: Fototeca Municipal Ricardo Giovanni.

Os espaços fundados no final do século XIX eram voltados para a burguesia, que assistia às companhias nacionais e estrangeiras (TORRES, 2015), e possibilitaram a formação da literatura sul-rio-grandense, com textos poéticos e dramáticos produzidos para as apresentações de grêmios líricos dramáticos. Em relação aos teatros do século XIX, Bittencourt (2007) salienta que a “Sala dos Espectadores, elemento-chave da composição de todo edifício destinado a espetáculos públicos, adquiriu uma faustuosidade (sempre proporcional à riqueza econômica da região) e consagrou a divisão do público em diferentes categorias sociais” (BITTENCOURT, 2007, p. 119).

Em relação ao teatro, foi localizado no Arquivo Público e Histórico da cidade do Rio Grande um documento da empresa Guadio, Bianchini & Cia de cinema e teatros, com o anúncio da exibição da fita *A legalidade*. Nesse documento consta uma propaganda e a descrição dos cineteatros que estavam em atividade na cidade. Assim, na narrativa, constava que o Polytheama Rio-Grandense (fundado em 1876) foi vinculado ao cinema Victrol, de variedades, destinado a grandes apresentações de companhias líricas, dramáticas e de operetas, com picadeiros para companhias de ginástica e variedades. Outra descrição refere-se ao “Ideal Concerto – Luxuoso salão, elite – centro de diversões; Cinema Recreio Popular – centro de diversão popular” (RIO GRANDE, 8 nov. 1924). Nesse documento do ano de 1924, pode-se analisar que o teatro Polytheama Rio-Grandense, de herança portuguesa, inaugurado no século XIX, passou por transformações tecnológicas para continuar a sua atuação no século XX, arrendado para o Victrol Cinema.

Os cinemas surgiram no final do século XIX, e os filmes eram exibidos de forma ambulante, em salões e teatros (BITTENCOURT, 2007).

Nas primeiras décadas do século XX, aconteciam nos espaços teatrais eventos como bailes, saraus musicais e literários, apresentações de grêmios dramáticos, espetáculos musicais e de variedades. Na metade do século XX, havia os cineteatros Carlos Gomes, Guarani (ambos fundados em 1922) e Avenida (1929). Em relação às salas de cinemas no Rio Grande do Sul, Souza (2010) salienta que, “considerando o aumento do número de salas de cinema na cidade entre 1910 e 1930, a atividade cinematográfica promoveria também uma contínua atividade musical nesse espaço” (SOUZA, 2010, p. 99). Após o advento do cinema, os espetáculos de tela e palco se tornaram comuns nas salas dos teatros, as fitas dividiam espaço com as atrações cênicas. Segundo Bittencourt (2007), “O rápido sucesso das ‘imagens em movimento’ apontava seu destino para tornar-se em poucos anos o mais popular espetáculo de nossa época” (BITTENCOURT, 2007, p. 167).

Em relação à execução de músicas durante a exibição dos filmes cinematográficos, o autor Leal (1980) salienta:

Sendo os filmes cinematográficos, na época, mudos, suas exibições eram complementadas pela execução de músicas, mais ou menos adaptadas e seus enredos, por orquestras postadas diante da tela cinematográfica. O número de integrantes dos conjuntos orquestrais, mantidos pelas várias empresas então existentes em Porto Alegre, variava em quantidade e qualificação profissional, segundo respectivo nível social do cinema. (LEAL, 1980, p. 132).

Na cidade do Rio Grande não era diferente, e as orquestras atuavam nos cineteatros, abundantes na cidade. Conforme Souza (2010), “a formação musical de trios e quartetos instrumentais era a que mais se adaptava ao espaço. Nesse sentido, a denominação de ‘orquestra’ era muito genérica na época, visto que, para receber tal status, não importava muito o número de integrantes” (SOUZA, 2010, p. 96).

Em notícias e anúncios nos jornais foi possível constatar algumas orquestras atuantes nesses espaços. O jornal *O Tempo* de 6 de dezembro de 1921 menciona um quarteto de cordas no teatro Polytheama Rio Grandense, sob regência da maestrina Adelia Scaravaglione. No ano de 1924, o jornal *O Tempo* noticiou uma orquestra no mesmo teatro, sob a regência do maestro José Faini. A partir dessas notícias, observa-se a circularidade de músicos e musicistas que estavam atuando no mesmo teatro da cidade.

Os teatros e, após, cineteatros da cidade do “Rio Grande e Pelotas compartilhavam constantemente a mesma programação devido ao roteiro dos músicos e das companhias musicais. Estando o Rio Grande do Sul inserido em um roteiro que interligava as principais casas de espetáculos da Região Platina e/ou do Rio de Janeiro” (BITTENCOURT, 2007, p. 307).

Nos teatros também acontecia a realização de bailes durante o carnaval, com um repertório constituído por músicas de salão. Napolitano (2002) salienta: “De todos estes encontros culturais e da mistura musical resultante, surgiram os gêneros modernos de música brasileira: a polca-lundu, o tango brasileiro, o choro e o maxixe, base da vida musical popular do século XX” (NAPOLITANO, 2002, p. 30). Conforme aponta o exemplo, localizado no jornal *A Lucta* do dia 19 de fevereiro de 1925: “Bailes de Carnaval. No Polytheama haverá mais um baile de mascaras, em honra ao Carnaval deste anno. A musica estará ainda melhor. Mulheres eximias do tango do maxixe [...]” (A LUCTA, 19 fev. 1925).

O avanço tecnológico transformou, primeiramente, os teatros em cineteatros, e, no decênio de 1930, o “Rádio-Theatro” era um espaço significativo, destinado à difusão tecnológica. O rádio, considerado um “novo instrumento tecnológico de difusão, oferecia uma mistura de programa radiofônico, espetáculos musicais, concursos de calouros, teatros de variedades, em seu estúdio-auditório” (BITTENCOURT, 2007, p. 187). Também surgiu o gramofone, aparelho que adquiriu grande popularidade em saraus das décadas de 1920 e 1930, com discos de 78 rotações. Conforme Bittencourt (2007), com essa nova tecnologia, abriu-se a possibilidade de acesso imediato aos grandes compositores, ampliando o contato da população com o universo musical (BITTENCOURT, 2007).

3.2.4- Recitais e companhias musicais

A cidade do Rio Grande participava do circuito das companhias líricas de diferentes gêneros do teatro musical, que realizavam apresentações durante suas turnês pela América do Sul, conforme a Figura 10. As apresentações ocorriam por meio de um itinerário, incluindo Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, Jaguarão, Florianópolis e os grandes centros culturais da época, Rio de Janeiro e Buenos Aires, em um percurso terrestre, pelo sistema de diligências, ou por mar (BITTENCOURT, 2007).

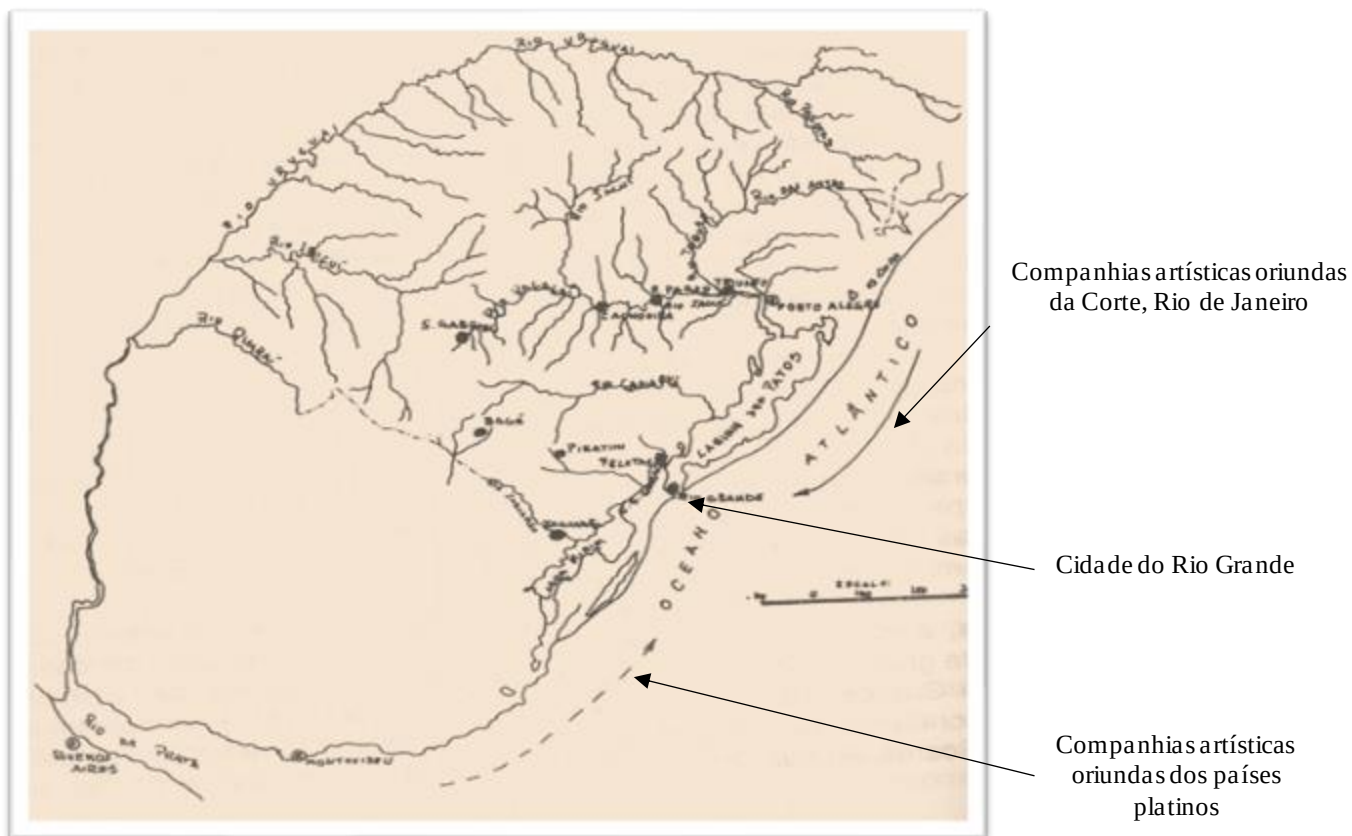


Figura 10 - Circuito das companhias artísticas advindas do Rio de Janeiro e dos países platinos.
 Fonte: Apontamentos sobre movimento teatral em Rio Grande no século XIX. (BITTENCOURT, 1996, p. 12)

As notícias sobre as companhias nacionais e internacionais são frequentes nos jornais. Uma notícia no jornal *Echo do Sul* de 6 de agosto de 1904 divulga o repertório da apresentação da companhia Lyrica Italiana, com composições italianas de óperas – como *La Bohème* e *Tosca*, de Giacomo Puccini, *Aida* e *Il Rigoletto*, de Giuseppe Verdi, *Cavalleira Rusticana*, de Pietro Mascagni – e obras francesas – como *Fausto*, de Charles Gounod. Repertório semelhante foi constatado na temporada da companhia lírica italiana de ópera Marranti, no Polytheama Rio Grandense, em 1922, com composições de Giacomo Puccini (*La Bohème*, *Tosca*), de Giuseppe Verdi (*Il Rigoletto*) e do compositor brasileiro Carlos Gomes (*II Guarani*). Dessa maneira, essa “rede musical estava associada à dinâmica cultural mais ampla de florescimento e expansão da cultura urbana do entretenimento e das artes” (MORAES; FONSECA, 2012, p. 110).

Além das italianas, na cidade apresentavam-se companhias de outras nacionalidades, como alemãs, espanholas, portuguesas e brasileiras, com repertórios de

variados gêneros, como ópera, opereta, revista e sainete.¹³ Realizavam-se também na época os espetáculos de variedades, que proporcionavam elementos distintos como humor, drama, crônica e coreografias, com a execução de canções. Os gêneros musicais misturavam elementos variados em sua temática que, por vezes, se aproximava da vida cotidiana da população rio-grandina. Algumas companhias circulavam pela cidade do Rio Grande, como a brasileira Silva Filho, em 28 de abril de 1921, como menciona *O Tempo*:

Recebemos a visita do Sr. Raul Mendes, actor e secretario da Companhia Silva Filho, annunciando-nos a proxima temporada do mesmo conjueto artistico nesta cidade, devendo trabalhar no teatro 7 de Setembro.

E' de operetas, revistas, burletas¹⁴ e comedias o seu repertorio, do qual fazem parte varias peças ainda não conhecidas no Rio Grande. No elenco figura a actriz paulista Esther Silva.

A estréia, provavelmente, será na proxima quarta-feira e com a revista <<Vou Cavando>>. (O TEMPO, 28 abr. 1921).

Entretanto, no período entreguerras, as atividades das companhias internacionais no país foram reduzidas. Pode-se observar que esse período ajudou o desenvolvimento musical da cidade, pois o espaço musical, tornando-se vazio, possibilitou que os artistas e produtores comesçassem a investir mais em produções artísticas locais. Conforme Bittencourt,

A diminuição da frequência das companhias líricas italianas nesse período beneficiou, de certa maneira, a música. O vazio musical deixado pelos dispendiosos espetáculos líricos foi preenchido por concertos e recitais, notadamente menos custosos. Se os conjuntos líricos profissionais e as montagens das óperas completas rarearam, as árias operísticas encontraram nos pequenos recitais de canto um espaço de permanência. (BITTENCOURT, 2007, p. 319).

A cidade, como passagem para os músicos nacionais e internacionais, proporcionava variados recitais no conservatório de música, nos cineteatros ou nos clubes da cidade. Os músicos locais circulavam em diversos ambientes, como em orquestras e bandas, e também compunham para os recitais da cidade, nos quais se apresentavam. No

¹³ Segundo Mejía (2017, p. 8, tradução nossa), obra teatral frequentemente cômica, embora possa ter um caráter sério, de ambiente e personagens populares, com um ou mais atos, que são representados com função independente. Original: “Obra teatral frecuentemente cômica, aunque puede tener carácter serio, de ambiente y personajes populares, en uno o más actos, que se representa como o función independiente”.

¹⁴ Peça teatral com caráter cômico que incluiu a música brasileira e tornou o gênero bem popular (FONSECA; MORAES, 2012).

período estudado, pode-se constatar que, na música de concerto brasileira, ocorreu a importação de paradigmas estéticos que vinham de encontro aos ideais civilizatórios das elites brasileiras, que na época eram mascarados pelas noções de evolução e progresso (LARSEN, 2018).

No jornal *Echo do Sul*, encontrou-se um programa de concerto (Figura 11) do violinista Diaz Albertini, do dia 31 de maio de 1904, evento realizado no Teatro Sete de Setembro. O programa contava com outros intérpretes além do violinista Albertini, como “Sr. Tagnini e Sr. Amadori”; as composições tocadas eram obras internacionais, como as do músico português Arthur Napoleão, do alemão Robert Schumann e do polonês Henryk Wieniawski.



Figura 11 - Programa de Concerto do violinista Diaz Albertini (ECHO DO SUL, 1904, coluna Vida Artística).

Em relação ao recital de canto, localizou-se informação do dia 3 de abril de 1924. O evento foi realizado no cineteatro Carlos Gomes e promovido pelo Conservatório Rio Grandense de Música, com o barítono Roberto Vilmar. As composições apresentadas foram a adaptação da ária do *Barbeiro de Sevilha*, de Gioachino Rossini, e um *Lied*, do compositor Robert Schumann, *Ich grolle nicht* (O TEMPO, 3 abr. 1924). Outro recital de

canto encontrado no jornal *O Tempo*, ocorrido no cineteatro Sete de Setembro, era constituído de compositores brasileiros, como Villa-Lobos, com a música *Confidencia*, e Carlos Gomes, com a ária de ópera *II Guarani*, interpretados pela cantora Ida Bardi Bones (O TEMPO, 20 maio 1927).

Vale salientar que as informações apresentadas são exemplos que revelam alguns dados sobre repertórios e músicos que circulavam pela cidade. Outro ponto é que a cidade era passagem para músicos internacionais, como ocorreu com o violinista argentino André Dalmau, que se apresentou na cidade, no cineteatro Carlos Gomes, no dia 11 de maio de 1924, e cujo destino final era apresentar-se no Rio de Janeiro. No programa de concerto havia compositores como Wolfgang Amadeus Mozart, Niccoló Paganini e Robert Schumann (O TEMPO, 11 maio 1924).

O repertório apresentado pelos músicos nacionais e internacionais mostrou-se estimulante para os compositores locais, que se manifestavam por meio da produção de composições para o teatro musical ou composições para recitais de canto, por exemplo. Em relação à produção local, pode-se mencionar Antenor de Oliveira Monteiro (1872-1948), com a produção de uma opereta para um festival infantil apresentado no teatro Polytheama Rio-Grandense: “[...] dois trabalhos aprimorados, letra e musica do distincto conterrâneo sr. Antenor Monteiro, intitulados a opereta *Aniversário de Lili* e *Delicto das Rosas*” (O TEMPO, 2 ago. 1924). A produção de Hermínio de Moraes, a ópera *Lagoa Encantada*, *Legenda Gaúcha*, também se fez presente no programa de concerto da Orquestra Filarmonica Rio-Grandense, na inauguração da rádio-teatro, na cidade do Rio Grande, em 1932 (ECHO DO SUL, 20 dez. 1933).

Segundo programas de concerto encontrados de 1925, no evento Kermesse Auxiliadora, ocorreu a apresentação de uma composição para canto de José Faini, intitulada “Canta, canta”, interpretada pela senhorinha Gedy Santos (O TEMPO, 10 nov. 1925). Em outro festival, desta vez vinculado ao conservatório de música da cidade, aconteceu a apresentação de outra composição de Faini, com nome de “*Serenata* (versos de Olavo Bilac), pelo tenor Marçal Fernandes” (O TEMPO, 14 abr. 1926).

3.2.5- Sarau

O sarau literomusical era diferente do sarau familiar, de caráter informal e no qual se praticava principalmente a música de salão. Segundo Souza (2010, p. 66), o “sarau

literomusical geralmente primava por uma ‘hora de arte’ considerada mais ‘elevada’. Era a oportunidade de se ouvir, em ambiente reservado, os artistas de destaque e também o repertório executado em recitais e concertos no palco dos teatros”. Os saraus realizados pelas sociedades não eram públicos, mas exclusivos para os membros, conforme Lucas (1980), e suas finalidades – conferências, discussões de temas históricos, apresentações de poesia e peças teatrais dos associados – faziam incluir a música para deleite de seus associados. Ainda conforme Lucas, os saraus realizados pela sociedade literária particular da capital e do interior, integrados por poetas, médicos, jornalistas, educadores, políticos, abriram espaços, em suas reuniões, para uma parte musical a cargo de musicistas amadores e, em menor número, profissional (LUCAS, 1980).

Na cidade do Rio Grande, na primeira década do século XX, encontrou-se informação sobre sarau literomusical no jornal *A Lucta* do dia 14 de abril de 1924:

Os srs. Athos Damasceno Ferreira, Corte Real e Roberto Vilmar vão realizar amanhã, na Associação dos Empregados no Commercio um festival litterario musical, para o qual recebemos convite que agradecemos. O primeiro é nosso collega do <Echo do Sul> e os ultimos, respectivamente, professores de violino e canto do nosso Conservatório de Musica. (A LUCTA, 14 abr. 1924).

Em relação à contextualização sobre a cidade do Rio Grande, no início do século XX, pode-se verificar que, como zona portuária e industrial, passou por transformações, primeiramente pela transição do capitalismo mercantil para o industrial e um crescimento em sua economia. A partir disso, juntamente com o projeto de urbanização, a cidade entrou em expansão territorial e populacional, com a criação de novas vilas para acolher o operariado e o crescimento da população que migrava da área rural para a industrial. Com isso, novos personagens sociais surgiam na cidade, como a classe operária, as camadas médias (comerciantes) e a burguesia, ampliando os grupos sociais e também as práticas musicais.

A expansão de espaço também estava destinada para as atividades de lazer e entretenimento, que ocorriam ao ar livre, nas praças da cidade, por meio de piqueniques, apresentações de bandas musicais, eventos militares e cívicos. Além disso, havia os espaços fechados de sociabilidade, como clubes, teatros, cineteatros, associações musicais e salões de festas. Nestes ambientes havia apresentações musicais, dramáticas, literárias e bailes.

As informações sobre as associações recreativas com vínculo operário/sindical/político mostram que em sua organização havia sede própria, banda

musical e grêmio lírico dramático. Os eventos dramáticos organizados pelas instituições estavam associados ao apoio financeiro para sócios e familiares, a partir dos eventos musicais. Desta forma, percebe-se que os grêmios líricos dramáticos ligados a essas associações circulavam em diversos locais, além de sua sede, para apresentações. Havia, também, as associações recreativas carnavalescas às quais eram vinculadas estudantinas, sedes e bandas que se apresentavam em diversos ambientes de sociabilidade e também ao ar livre. Aos clubes localizados nos discursos jornalísticos, vinculavam-se o grêmio lírico dramático e a banda.

Outra formação musical eram as bandas ligadas às entidades musicais particulares, que transitavam em diversos ambientes de sociabilidade. Foi possível constatar essa informação pelos dados encontrados nos jornais, que revelam as apresentações das bandas em espaços teatrais, sedes de associações sindicais/políticas e festividades religiosas. A Sociedade Musical de Imigrantes Italianos também tinha uma banda que se apresentava na praça da cidade, com repertório diversificado. Com isso, percebe-se que as associações e sociedades musicais promoviam concertos, incentivavam o ensino e realizavam bailes ou eventos dramáticos, promovendo circularidade nos ambientes de prática musical, buscando a legitimação da categoria.

As atividades de ensino de música e a circulação de instrumentos, a partir das informações localizadas, aconteciam tanto no âmbito privado quanto no público. O ensino privado – em escolas particulares, sociedades musicais de imigrantes e escolas religiosas – e o público – a partir da fundação do Conservatório de Música na cidade, em 1922 e 1924 – geraram a ampliação da esfera do ensino de música e a expansão de recitais musicais na cidade, organizados por essa instituição. O ensino de música proporcionou o surgimento de um comércio especializado na venda de instrumentos para estudo de música, como pianos de diversas nacionalidades – alemães, norte-americanos e franceses –, além de violões, violinos, flautas e instrumentos de metais.

A fundação dos teatros, no século XIX, incentivou a literatura com apresentações de grêmios líricos dramáticos, sendo um ambiente onde ocorriam saraus musicais e literários, recitais e apresentações teatrais. As orquestras tocavam nos teatros, mas isso não era de exclusividade desses espaços de sociabilidade em específico, pois os músicos circulavam em outros ambientes.

O espaço teatral foi se transformando nas primeiras décadas do século XX, revitalizando-se para cineteatros e dividindo os espetáculos musicais com as películas. Os teatros das cidades de Rio Grande e Pelotas compartilhavam a mesma programação

devido ao roteiro das companhias líricas e aos músicos que circulavam pelo estado do Rio Grande do Sul. No decênio de 1930, em virtude do avanço tecnológico, o teatro também era rádio-teatro, uma nova transformação na radiodifusão.

Rio Grande era passagem para o circuito das companhias líricas e de variedades, as quais estavam presentes nos programas de concertos nos teatros da cidade. No período pesquisado havia diversos recitais de canto, piano e violino, de músicos que circulavam pela cidade, de âmbito local, nacional e internacional. Vale salientar que os compositores locais se influenciariam pelos repertórios internacionais, vindos não só por meio das companhias líricas e de variedades, mas também por meio do repertório dos recitais para sua produção composicional. Também havia os saraus literários realizados em entidades particulares, um espaço onde os músicos poderiam divulgar o seu trabalho como intérpretes, dramaturgos ou compositores.

4- O contexto musical da cidade do Rio Grande entre 1900 e 1930 por meio da trajetória artística do compositor Hermínio de Moraes

O capítulo apresenta uma reflexão sobre a circularidade do músico Hermínio de Moraes (1883-1935) (Figura 12) para compreensão de aspectos das atividades musicais na cidade do Rio Grande (RS) nas primeiras décadas do século XX. Como mediador cultural, o compositor e músico transitava em diversos espaços artístico-musicais, cabendo ressaltar que ele está presente neste capítulo como exemplo de personagem, com sua circularidade artística.



Figura 12 - Hermínio de Moraes. Fonte: Jornal virtual *Bom dia*, coluna Ecos do Passado, Orquestra de concerto Hermínio de Moraes, s.d.

A trajetória do músico expõe os diversos ambientes que estavam se formando na cidade, como novas sociedades musicais, formações musicais e a produção composicional local, por meio da música de salão e do teatro musical. Vale ressaltar que a maioria das informações sobre Hermínio de Moraes está em narrativas encontradas nos jornais, mas tornou-se um desafio entender sua vida e sua obra, pois as notícias sobre sua trajetória são esparsas. Assim, os dados coletados e sua contextualização contribuem para entender aspectos da sociedade musical e a atuação do compositor como mediador cultural.

No contexto histórico-musical em que Hermínio de Moraes (Figura 13) atuava, ocorreu a ampliação dos grupos sociais que se refletiram na prática musical. Assim, verificam-se questões sobre o exercício do amadorismo e do profissionalismo musicais, “que não devem ser consideradas como etapas isoladas e sim como integrantes de um processo em que as características de uma fase se interpenetram e se relacionam com as seguintes” (LUCAS, 1980, p. 43). A partir disso, pode-se verificar a diversificação dos espetáculos e a ampliação de espaços onde o músico circulava.



Figura 13 - Hermínio de Moraes. Fonte: Foto cedida pela família, 1922.

4.1-Festividades religiosas

As festividades religiosas eram constantes na cidade e aconteciam em ambientes ao ar livre. Realizavam-se apresentações de novenas e procissões, havendo, por exemplo, no mesmo evento, um grupo coral e uma banda instrumental. Conforme Lucas (1980),

“no decorrer século passado, o vasto calendário de celebrações religiosas da Igreja (novenas, procissões, missas festivas) e os espetáculos em teatros constituíam ocasiões em que utilização da música se fazia indispensável” (LUCAS, 1980, p. 153).

Segundo Torres (2015), nos séculos XVIII e XIX, as igrejas na cidade eram: Igreja Matriz de São Pedro (1755), antiga Igreja do Carmo (1809), Capela de São Francisco (1814), Igreja da Conceição (prédio atual de 1890), Igreja do Bomfim (1887) e Igreja do Salvador (1899).

A notícia mais antiga sobre Hermínio de Moraes como amador foi encontrada no jornal *Echo do Sul*, que o menciona cantando em um coral na festividade religiosa da Irmandade Nossa Senhora da Conceição, em 1º de agosto de 1904: “Apresentação de um coro na cidade, com o músico Antenor de Oliveira Monteiro, Gustavo Poock, Emilia Marck, Amalia Poock e o amador Hermínio de Moraes, Candido Procópio” (ECHO DO SUL, 1 ago. 1904). A respeito dessa menção, conforme Lucas (1980), “a diferença entre músico amador/profissional estava mais ligada à origem social de um e outro do que no maior ou menor domínio na execução de uma obra” (LUCAS, 1980, p. 154). Em relação aos músicos que atuavam como profissionais no século XIX, eles eram mencionados como amadores, pois “havia os que faziam da música sua profissão e ofereciam os seus serviços em qualquer função em que necessitava o concurso de música” (LUCAS, 1980, p. 153). A menção de amador, conforme Lucas (1980), ocorreu da metade do século XIX ao final da década de 1870, e a música inexistia como atividade independente. Ela estava associada ao culto religioso ou ao teatro. Era uma profissão associada às camadas inferiores da população; o que distinguia, nesta fase, o profissional do amador era o fato de pertencerem a classes sociais distintas (LUCAS, 1980).

As notícias encontradas sobre o compositor e a música religiosa, além de elucidarem a sua circularidade, também mostram a recepção de sua música por meio de uma crônica do dia 26 de junho de 1910, na qual consta a informação da composição de uma novena do músico Hermínio de Moraes para ser apresentada nas festividades em louvor à Nossa Senhora da Conceição. O redator refere-se à novena como “inteiramente fora do carrancismo que se tem empregado em outras festas”, ressaltando que era “uma reação que a muito se aclamava. Ao antiquado vai sobrepor se, pois, uma nova phase” (ECHO DO SUL, 26 jun. 1910). Em relação à produção da novena, o cronista a menciona de forma positiva, colocando-a como uma nova fase para esse tipo de repertório na cidade:

[...] Sr. Hermínio de Moraes cujo tino musical é sobejamente conhecido de todos, está ultimando uma novena de sua lavra, a ser cantada pela primeira vez, nas festividades em louvor a Nossa Senhora da Conceição deste ano. A música é inteiramente fora do *carrancismo* que se tem empregado em outras festas da igreja. E uma reação que a muito se aclamava. Ao *antiquado* vai sobrepor se, uma nova phase [...]. (ECHO DO SUL, 26 jun. 1910, p. 2, grifos do autor).

Além de sua atuação como compositor, ocorre menção como maestro, nas festividades da Irmandade da Virgem da Conceição: “[...] o compositor José Faini estreará uma música e o regente da orquestra será o músico Hermínio de Moraes [...]” (A LUCTA, 4 dez. 1927, p. 1). Em outra narrativa jornalística, encontra-se Hermínio de Moraes nas festividades da Irmandade Nossa Senhora da Conceição, conforme informação: “Coral irmãs maristas; o barytono Octacio Corte Imperial cantará Ave Maria; coral a cargo da prof. d. Haydée Nunes Guedes que também vocalizará a Ave Maria e acompanhamentos dos maestros Hermínio Moraes e Antenor de Oliveira Monteiro” (A LUCTA, 6 dez. 1927, p. 1). A Irmandade Nossa Senhora da Conceição foi criada em 3 de novembro de 1814, junto à Igreja Matriz de São Pedro, e negros livres estavam entre os seus fundadores. A imagem de Nossa Senhora veio de Portugal em 1847. O terreno onde o prédio está edificado foi comprado em 1860, e a primeira capela foi edificada em 1874. O prédio atual foi inaugurado em 1890 (TORRES, 2015). A irmandade foi herança religiosa herdada do antigo regime, antes da República que continuou perdurando na cidade. Outra atuação do músico foi na festividade do Divino Espírito Santo. Em relação a esse tipo de evento, Graebin (2012, p. 2) discorre:

No Rio Grande do Sul, as festas do Espírito Santo foram introduzidas no século XVIII, pelos colonizadores portugueses, notadamente os procedentes das ilhas dos Açores que se fixaram e colonizaram diversos espaços, sendo muitas as cidades sul-rio-grandenses que festejam o Espírito Santo.

A notícia no jornal *O Tempo* menciona Hermínio de Moraes como regente do coral e instrumental no ano de 1927:

Festividade do Divino Espírito Santo (resumo)

Devendo celebrar-se domingo proximo, 5 do corrente, na matriz de S. Pedro a festividade em louvor ao Divino Espírito Santo, convido para assistil-a as autoridade civis e militares, clero, Associações religiosas e ao povo em geral. A parte coral e instrumental será dirigida pelo abalisado maestro Herminio Moraes. (O TEMPO, 3 jun. 1927).

4.2- Teatro dramático

Outro ambiente musical no qual Hermínio de Moraes estava localizado foi o teatro, uma prática atuante na cidade desde o século XIX, tratando-se do teatro dramático. Conforme Torres (2015), o convívio da cidade com o teatro remonta ao século XIX, quando havia cerca de 32 deles, abrangendo associações e grêmios dramáticos. Nas décadas de 1910-1920, existiam duas grandes casas de espetáculo: o Teatro Sete de Setembro (edificado em 1832, com capacidade para 1.200 pessoas) e o Teatro Polytheama (de 1876, com capacidade para 1.600 pessoas). Estes eram espaços voltados para a elite urbana, que assistia a companhias nacionais e estrangeiras. Paralelamente, outras associações, étnicas, de amparo mútuo, clubes beneficentes e organizações de classe costumavam manter grupos de teatro para atender aos seus respectivos públicos (TORRES, 2015). Na cidade havia variados grêmios líricos dramáticos amadores, conforme Bittencourt (2007): “Em Rio Grande fervilhavam as sociedades e grêmios dramáticos amadores que objetivavam, de uma forma geral, a recreação por meio de diversões teatrais e o desenvolvimento da literatura dramática nacional [...]” (BITTENCOURT, 2007, p. 104).

No ano de 1910 encenava no Teatro Sete de Setembro o grêmio lírico dramático João Caetano (1909), apresentando o drama *Filhos das Ondas* e a comédia *Estroinas e travesti*. No espetáculo também houve a execução de uma orquestra com repertório de composições nacionais e internacionais. A notícia menciona a formação da orquestra: violinos, oboé, pistons, violoncelo, contrabaixo e bateria. Nela estava presente o músico Hermínio de Moraes, tocando violoncelo:

No teatro sete de setembro encena o grêmio lírico dramático João Caetano, com os dramas: Filho das ondas do poeta Rio-Grandense Lobo da Costa e a comédia, Estroinas e travesti. A orquestra executará o Hymno nacional, Terremoto, Teresinella mia, a valsa Um sonho Cake-Wall e ao Symphonia O Guarany, a ópera de Carlos Gomes, compõe os professores: Antenor O. Monteiro, Baulio Louzada, João Macedo Cunha, Abeylard Marques Rey, Carlos Lang, Augusto Braga, Delphim Mendonça, Hugo Dornbersch, Jacob Boer, Armando Lima - Violinos. Emilio Sami e Gregorio Caporlingua-Clarinete, Aristides Pinto Moreira-Oboé, Manoel Diógenes dos Santos Norte e Henrique Schimith- Pistons, Gené Burset Solás e Raphael Lisboa-Trambones, Hermínio de Moraes e Candido Procopio Perreira - Violancellos, Rodolpho da Costa Ribeiro e Romeu Tagnin- Contrabaixo, Mario Lima-Bateria. (ECHO DO SUL, 11 maio 1910, p. 1).

Algumas práticas do século XIX ecoam no século XX, pois percebe-se que a música associada ao culto religioso e ao teatro estava presente nas notícias sobre o compositor. Eram espaços para divulgação de sua música, pois nesses ambientes foram localizadas notícias sobre ele como intérprete e compositor. O mercado de trabalho para o músico profissional, no primeiro momento, se dava no âmbito religioso e no teatro, como salienta Lucas (1980) ao afirmar que a igreja e o teatro eram os polos principais em termos de mercado de trabalho para os que se dedicavam à música profissionalmente (LUCAS, 1980).

4.3- Compositor - teatro musical e música de salão

Do final do século XIX ao início do século XX, ocorreu a redefinição da música como profissão, a partir do contato com os padrões importados, passando a ser exercida pela classe dominante e pelos setores médios incorporados (LUCAS, 1980). A partir disso, padrões importados circulavam na cidade por meio de apresentações do teatro musical.

Nesse cenário, destacaram-se as companhias líricas que circulavam pelo país, passando pela cidade do Rio Grande. Conforme Lucas (1980), pode-se considerar que toda a atividade musical, em relação aos elementos que correspondem ao amadorismo, inspirava-se naquilo que vinha de fora, proveniente das companhias de óperas ou virtuosos que excursionavam pelo estado (LUCAS, 1980). As companhias musicais com o seu repertório eram uma influência externa que contribuiu para a produção local composicional. Nesse sentido, os elementos vindos de fora influenciaram o gosto musical da população e também os músicos da cidade do Rio Grande.

A composição mais antiga localizada de Hermínio de Moraes para teatro musical foi a revista *Na ponta do Pé*; em relação ao gênero, conforme Souza (2010, p. 123), no “contexto do teatro de revista, de fatos e costumes, era praxe malhar a política e os políticos, criticar o governo, a ação de pessoas indesejáveis, debochar da moda e dos costumes”. Nesse sentido, o “teatro de revista foi um espaço musical importante, tornando-se o grande foco da vida musical brasileira até meados dos anos vinte” (SOUZA, 2010, p. 123).

Na ponta do Pé, em 4 atos e uma apoteose, estreou pela Companhia Nacional de Operetas, no Teatro Coliseu, na cidade de Porto Alegre, no ano de 1918. A revista obteve

boa repercussão e teve reprise em 3 de julho de 1918, conforme o anúncio (Figura 14) no jornal *A Federação*.



Figura 14 - Anúncio da peça *Na Ponta do Pé*, de Hermínio de Moraes. Fonte: *A Federação*, 1918.

No decênio de 1920, localizou-se outra revista composta pelo músico: a peça *Scenas gaúchas*, que, segundo o redator, “correu bem e agradou”. Conforme noticiado no jornal *O Tempo* de 27 de agosto de 1921, coluna Arte e Artistas:

Companhia Gonçalves A festa artistica do h bil [sic] musicist [sic] Julio Christobal, regente da orchestra da Companhia Gonçalves, teve o bom exito que s [sic] esperava. O desempenho da revista “Scenas gauchas”, original do musicista riograndense H rminio [sic] Moraes, correu bem e agradou, como também o intermedio de variedades [...]. (*O TEMPO*, 27 ago. 1921, p. 3).

No ano de 1925, a Companhia Nacional de Operetas encenou outra peça de Hermínio de Moraes, a opereta *Amor de Gaúcho*: “A Companhia Nacional de Operetas, que há pouco nos visitou, vae levar, dentro em breve, numa das localidades do Estado, a opereta em 3 actos de costumes regionaes, intitulada ‘Amor Gaúcho’ libretto e música originaes do nosso talentoso patricio Hermínio Moraes [...]” (*A LUCTA*, 30 jul. 1925, p. 3). Após cinco anos, reaparecem notícias sobre a apresentação da composição *Amor de Gaúcho* no jornal *Echo do Sul* do dia 30 de junho de 1930: “A Companhia Nacional dará, a noite de hoje no teatro ‘sete de setembro’, o seu ante-penúltimo espetáculo. [...] Amanhã teremos, ‘Mano de Minas’, e quarta feira ‘Amor Gaúcho’ autoria Sr. Hermínio de Moraes musicista contrerrâneo” (*ECHO DO SUL*, 30 jun. 1930, p. 2).

Em relação à sua produção composicional para outros gêneros do teatro musical, encontrou-se o sainete. Conforme Oliveira (2007), o sainete, “espécie de teatro popular na Argentina, evidenciava a predominância de elementos associados ao universo *criollo*, outro termo utilizado para denominar o universo relacionado ao passado épico, em

referência ao pampa [...]” (OLIVEIRA, 2007, p. 511). Em 1927, o sainete *Visões de Glória* foi encenado pela Companhia Alvaro Fonseca:

Companhia Alvaro Fonseca

Hoje também ali haverá serão de gala, constando de duas sessões de gala, a primeira às 19.15 e a segunda às 21 horas.

Antes da primeira sessão a orquestra executará, o Hymno Rio Grandense e a Marcha Real Italiana, e em ambas as sessões serão representadas as peças “Prudencio, o temerário” e sainete “Visões de gloria”, do inteligente musicista conterraneo Herminio Moraes. (O TEMPO, 20 set. 1927, p. 2).

Outra atuação do músico foi relatada no jornal *O Tempo*, em um programa de concerto do espetáculo promovido pelo Grêmio Lírico Dramático do Cordão Carnavalesco Sim, disfarça... e olha!, realizado no dia 4 de julho de 1927 no Teatro Polytheama Rio Grandense, com a execução do sainete *No Rancho* e da fantasia lírica *No Templo da Flora*. As peças foram escritas para a estreia do Grêmio Lírico Dramático na cidade. Conforme programa de concerto:

POLYTHEAMA RIO-GRANDENSE

C.C. “Sim, disfarça... e olha!”

4 de julho de 1927

Primeiro espectáculo do gremio desta associação carnavalesca, composto de gentis e inteligentes meninas e meninos, com o seguinte programma:

I PARTE

Uma hora musical

Na qual tomam parte diversos amadores

II PARTE

Representação do sainete de costumes gaúchescos, em um acto, intitulado

No rancho

Com seis numeros de musica caracteristica.

III PARTE

Representação da phantasia lyrica, também em um acto com dez numeros de musica, intitulada

No templo de Flóra

Estas peças foram escriptas, especialmente para a estréia deste Gremio, pelo musicista e literato Sr. Herminio de Moraes, sendo que, para a segunda, o distincto jornalista e poeta Sr. Frederico Carlos de Andrade escreveu um lindo soneto, para servir de prologo. (O TEMPO, 25 jun. 1927, p. 2).

Foi localizada, na coluna Arte e Caridade do jornal *O Tempo* do dia 27 de julho de 1927, uma notícia sobre as apresentações do sainete *No Rancho* e da fantasia lírica *No Templo da Flora*, no teatro Sete de Setembro, trazendo informações sobre o espetáculo, que contava com uma orquestra com 12 professores.

As peças foram escritas para crianças e, conforme o redator, houve boa repercussão:

Arte e Caridade

Os dois novos trabalhos do inteligente musicista patricio Sr. Herminio de Moraes, escriptos para creanças estes se conduziram com muita habilidade seguros de seus papeis e dando mesmo certo relevo aos typos representavam. O festival estreado no teatro Sete de Setembro, teve duplo fim beneficente, pois, a metade do seu producto l quido [sic] revertida em favor do Asylo de Pobres, e a certa altura da phantasia <<No tempo de Flora>> partiu do palco para a pletéa(sic) um lindo grupo de creanças representando mariposas. A orchestra era de 12 professores e portou-se correctamente. Para as duas peças levadas á scena pintou scenarios de bonito effeito o habilissimo artista Sr. Bastos Guerra, que mais uma vez evidenciou a sua alta competência e o ensaiador F de P Cunha Mattos. Mereceu, não ha duvida, muitos parabens, pelo brilhante successo obtido, os promotores e organizadores do excellente festival de ante-hontem. (O TEMPO, 27 jul. 1927, p. 3).

Além de produzir para o teatro musical, Hermínio de Moraes também escrevia peças para música de salão, as quais eram tocadas em festivais de arte, ambientes domésticos e bailes. Em relação à música de salão, música dançante, menciona Napolitano (2002, p. 12):

Apesar desta tendência “melódico-sinfônico-operística”, que fica mais clara no final do século XIX, não podemos esquecer as danças de salão que saíram da Europa na década de 1840 e se tornaram uma febre mundial, como a valsa, a polca, a mazurca e o schottish, tão importantes para a história da música brasileira, por exemplo.

Notícias sobre a venda da partitura da valsa *Julia* foram localizadas no jornal *Echo do Sul*, em um anúncio no dia 10 de dezembro de 1933: “A valsa ‘Julia’ da autoria do maestro Hermínio de Moraes, que tanto sucesso obteve em concertos da Filarmônica está a venda na casa de amadores, é na rua Marechal Floriano nº 281 F e em outras casas de música” (ECHO DO SUL, 10 dez. 1933, p. 2).

A partitura foi encontrada em 2016 no catálogo de partituras na Biblioteca Rio-Grandense: uma valsa para piano, provavelmente composta na década de 1930. Nela há

uma dedicatória – “Ao Manuel J. Pereira. Cordialmente O Autor” (Figura 15) – bem como a menção de sua filiação à Sociedade Brasileira de Atores Teatrais. Apesar desta informação, trata-se de um dado que não pode ser aprofundado, uma vez que, em pesquisa aos registros da SBAT, nenhuma referência existe tanto ao compositor quanto à sua música (MENESES, 2017).

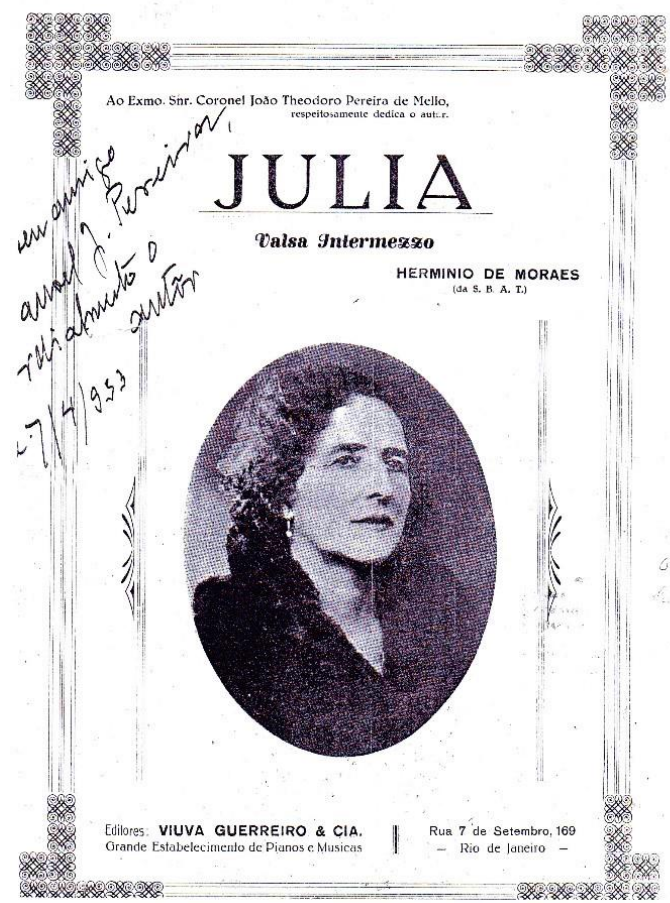


Figura 15 - Capa da partitura valsa intermezzo *Julia*. Fonte: Biblioteca Rio-Grandense, s.d.

Como descrito na *Enciclopédia da Música Brasileira*, a voga da valsa de salão começou com a vinda da família real portuguesa, em 1808, popularizando-se e tornando-se, posteriormente, gênero seresteiro e obrigatório nos salões (PEQUENO, 1998, p. 803). Junto a ela, com o objetivo de entretenimento, o público ouvia maxixes, quadrilhas, polcas, tango brasileiro, entre outros gêneros de salão. Na época da publicação, também eram correntes as marchas carnavalescas, os sambas batuques ou carnavalescos, etc. (Figura 16). Conforme Souza (2010, p. 94), “o motivo para que muitas dessas músicas populares fossem impressas em escala comercial era o grande sucesso obtido no carnaval

dos blocos, nas revistas musicais, nos cafés, confeitarias, cassinos e cinemas, novas sociabilidades que surgiam na cidade”.

ODEON



Ouvindo estes discos, ouviu
os sucessos do
CARNAVAL de 1932

FRANCISCO ALVES com Orchestra Copacabana
10.870 - **Palpite, marcha**
Eduardo Souto - Noel Rosa
Mulher de malandro, samba
Heitor dos Prazeres

FRANCISCO ALVES e MARIO REIS com Orchestra Copacabana
10.871 - **Marchinha do amor**
Lamartine Babo

Liberdade, samba
Francisco Alves e Israel Silva

MARIO REIS com Orchestra Copacabana
10.872 - **Soffrer é da vida, samba**
Francisco Alves e Israel Silva
Só dando com uma pedra nella, samba
Lamartine Babo

FRANCISCO ALVES com Orchestra Copacabana
10.873 - **Não é nada disso, marcha**
Freire Junior
Vou me regenerar, samba
Getúlio Marinho (Amor)

TRIO T. B. T. com Orchestra Copacabana
10.874 - **Puxa puxa o cordão, marcha**
L. Kalman
Conselho de um santo, samba
Paulo Barros - Carlos Guimarães Filho

TRIO T. B. T. com Orchestra Copacabana
10.875 - **Tenha cuidado, marcha**
Eutício Campos
Coitada, samba
Eurípides Capelari - Alcibíades Barcellos (Bide)

JAYME VOGELER com Orchestra Copacabana
10.876 - **Gêgê, marcha de rancho**
Eduardo Souto - Getúlio Marinho (Amor)

JAYME VOGELER e J. SOARES com Orchestra Copacabana
10.876 - **Nem é bom pensar, samba**
Americo de Carvalho

JAYME VOGELER e J. SOARES com Orchestra Copacabana
10.877 - **Por conta do amor, marcha**
Cândido de Anunciação

J. SOARES e JAYME VOGELER com Orchestra Copacabana
10.877 - **Deixa a orgia, samba**
Jota Soares - Juca Rodrigues

ANTÔNIO MOREIRA (MULATINHO) com Gente do Amor
10.878 - **Erê, ponto de macumba**
Getúlio Marinho (Amor)

Rei de Umbanda, ponto de macumba
Getúlio Marinho (Amor)

LUIS BARBOZA com Orchestra Copacabana
10.879 - **Silêncio, samba**
Válio

Não gostei de seus modos, samba
Getúlio Marinho (Amor)

**TODOS
à venda na Casa Viúva Guerreiro & Comp.**

ULTIMOS SUCESSOS

da
Casa Viúva Guerreiro & C.

Cadê Maria
Marcha carnavalesca
de Francisco Pezzi

Bambaia
Samba-batuque
de J. Carvalho e P. F. Nascimento

Deixa a orgia
Samba de Jota Soares

Papae não deixa
Marcha carnavalesca
de Lamartine Babo

Gente de bom santo
Samba de Tuyhú

Frajola
Samba de Jota Soares

Na Piedade
Samba carnavalesco
de Ary Barroso

Vamos Farrear
Marcha carnavalesca
de Djalma do Carmo

Não é nada disso
Marcha carnavalesca
de Freire Junior

Bahianinha
Samba de H. Vogeler

Com Yá-yá é assim
Samba de Cândido das Neves

Figura 16 - Contracapa da partitura, edição Casa Viúva Guerreiro, s.d.

A publicação da valsa intermezzo *Julia*, pela Casa Viúva Guerreiro & C., não foi por acaso, uma vez que ela se dedicava à publicação de música e dança (PEQUENO, 1998, p. 316). Outra informação relevante sobre a peça foi em relação à sua execução, realizada pela Orquestra Filarmônica Rio-Grandense. A partitura vendida na casa de música era para piano, um exemplo do que ocorreu no final do século XIX: “A febre de piano que tomou conta da cidade acabou alimentando as casas de edição de partituras que foram surgindo, incrementando entre nós um primeiro mercado musical, à base de

partituras de polcas, modinhas e valsas” (NAPOLITANO, 2002, p. 29). Em relação à composição, foi realizado, provavelmente, um arranjo, colocando-a em ambientes domésticos. Em relação à partitura, os “compositores encontravam na impressão das suas músicas uma possibilidade comercial de divulgação da obra, das suas atividades, bem como de registro autoral” (SOUZA, 2010, p. 93).

4.4- Carnaval

Outras atividades musicais, como o carnaval, também estavam sob a mediação do compositor. O carnaval, no início do século XX, ampliou-se com a criação de blocos, cordões, ranchos e clubes carnavalescos formados por operários, funcionários públicos e do comércio (BITTENCOURT, 2007). O clube carnavalesco no qual Hermínio de Moraes atuava era o Saca-Rolhas, que tinha sede própria, estudantina e grêmio lírico dramático. O clube carnavalesco era atuante desde o século XIX, participando de bailes e eventos ao ar livre. O clube Saca-Rolhas, fundado em 16 de março de 1876, foi uma das mais tradicionais agremiações carnavalescas da urbe (TORRES, 2015, p. 89). A estudantina era constituída, em sua formação instrumental, por violões e bandolins, com repertório de músicas de salão, para bailes em sua sede. Conforme Souza (2010, p. 78),

A formação desses grupos, menos rígidos que uma orquestra tradicional, por admitirem violões e bandolins, foi uma prática comum em diversos países da Europa e América, principalmente segunda metade do século XIX e a primeira década do século XX. No Brasil também foi muito disseminado o seu culto, principalmente entre musicistas amadores.

As notícias localizadas na coluna Festival de Arte, no jornal *O Tempo*, vinculam Hermínio de Moraes como regente da estudantina:

Festival de arte (resumo)

Estão se effectuando os ensaios de apuros das duas peças com que o Gremio L. D. Saca-Rolheiro, de bell s [sic] tradições, vae resurigir, a 20 do corrente mez, no Polytheama Rio Grandense.

A <Estudantina>, que tomará parte no mesmo espectáculo, faz amanha, um novo ensaio, sob a batuta do seu regente Sr. Herminio de Moraes. (O TEMPO, 17 dez. 1917, p. 2).

Também ocorreram apresentações de composições musicais de Hermínio de Moraes no carnaval. Uma notícia no jornal *O Tempo*, de 14 de dezembro de 1927, na coluna Festival da Arte, divulga duas peças de Hermínio de Moraes: a valsa brasileira *Penas de Amor* e a marcha *Lydia*. Conforme a notícia: “O director da Estudantina é o conhecido musico Sr. Rodolpho da Costa Ribeiro, sendo o seu regente o habil compositor Sr. Herminio de Moares, que escreveu expressamente para o festival duas bonitas produções: ‘Penas de amor’ valsa brasileir [sic], e ‘Lydia’ marcha” (O TEMPO, 14 dez. 1927, p. 2). Outras narrativas encontradas o vinculam ao carnaval do ano de 1930, participando da comissão de organização de bailes de carnaval na sede do Saca-Rolhas (ECHO DO SUL, 11 abr. 1930) e regendo a orquestra do clube de 1930 a 1931 (CLUBE CARNAVALESCO SACA-ROLHAS, 1930-1931).

4.5- Sociedade musical, orquestra e Rádio-Teatro

As sociedades musicais visavam organizar eventos sinfônicos na cidade, dedicando-se ao estudo de um instrumento e/ou canto, à composição e à regência (LUCAS, 1980, p. 157). No final do século XIX, essas associações musicais estavam sendo fundadas com a expansão do amadorismo e com o crescimento de setores sociais capazes de sustentar materialmente uma atividade independente (LUCAS, 1980). A primeira informação sobre Hermínio de Moraes em uma sociedade foi como secretário da União Orchestra (fundada em 1926), criada para organizar concertos sinfônicos na cidade do Rio Grande (RIO GRANDE, 1926b). Encontrou-se, ainda, menção sobre essa instituição em artigos no jornal *Echo do Sul* do dia 23 de março de 1926:

A que acaba de ser fundada nesta cidade e de que ontem demos aligeiramente notícia, já os respectivos estatutos aprovados pela Assembleia que se reuniu para apreciar.

Os fins da sociedade, que já está merecendo todo o esforço dos seus fundadores, são elevar a moral da arte musical, desenvolve-la entre os amadores, organizar concertos simphonicos e defender os interesses dos seus associados. (ECHO DO SUL, 23 mar. 1926, p. 1).

Outro jornal a anunciar a fundação dessa instituição foi *A Lucta*, conforme notícia de 5 de fevereiro de 1926: “[...] convite para a participação da sociedade civil em assistir à apresentação do estatuto da sociedade musical” (A LUCTA, 5 fev. 1926).

Vale ressaltar que, em relação à sociedade União Orchestral, não se localizou, durante a coleta das informações, notícias de organizações de eventos realizados por essa instituição.

Hermínio de Moraes participou, também na cidade do Rio Grande, da associação musical Orquestra Filarmônica Rio-Grandense. No documento de fundação, menciona-se que, “desde dia 3 de fevereiro de 1932 data do primeiro concerto considera-se fundada a associação musical destinada a propagar e alevantar a grande arte musical nesta cidade, com o nome da ORQUESTRA PHILARMONICA RIO-GRANDENSE, destinado a promover eventos musicais, pelo menos, uma vez por mês” (RIO GRANDE, 1932). No documento de fundação também estava o nome da diretoria empossada, sendo Hermínio de Moraes presidente e regente dessa instituição musical.

A notícia mais antiga sobre a atuação do músico como regente data de 24 de agosto de 1932, na coluna Notas de Arte, no jornal *Echo do Sul*, escrita pelo redator Carlos Araújo. A apresentação da Orquestra Filarmônica Rio-Grandense, sob a batuta de Hermínio de Moraes, teve boa repercussão, obtendo elogios em relação à escolha de repertório, e o programa de concerto se constituía somente de música sacra, conforme a notícia do jornal *Echo do Sul* (24 ago. 1932):

Notas de arte: O concerto, de ontem, da Orquestra Filarmonica Rio Grandense. Com um, sucesso, que, francamente, ultrapassou toda a expectativa, realizou-se ontem, no teatro da rua General Bacelar, o concerto da Orquestra Filarmonica Rio Grandense. O programa executado sob a batuta do conhecido maestro riograndinos, sr. Hermínio Moraes, foi todo de música sacra modalidade que, pela sua raridade.

Outra menção ao músico Hermínio de Moraes foi localizada também no jornal *Echo Sul*, em notícia na edição do dia 2 de março de 1933: hoje, o primeiro aniversário da fundação da Orquestra Filarmônica Rio-Grandense, conjunto artístico musical que tem a frente como seu presidente, o esforçado maestro Hermínio de Moraes [...]” (ECHO DO SUL, 2 mar. 1933).

Outra notícia traz informações sobre um coro que pertencia à Filarmônica Rio-Grandense, na festividade religiosa da Irmandade da Conceição, no dia 8 de dezembro de 1933:

Com raro brilhantismo estão sendo realizados as festividades em louvor a virgem da conceição, em seu elegante templo da praça 7 de setembro. As 10:30 foi celebrada a missa solene, oficiando três sacerdotes e pregando sermão o padre Gayotta. O côro foi ocupado por elementos destacados da filarmônica

Rio Grandense sob a batuta do maestro conterrâneo Hermínio de Moraes. (ECHO DO SUL, 8 dez. 1933).

Foi apresentado como regente da orquestra na ocasião de inauguração da Rádio-Teatro, na cidade do Rio Grande, no ano de 1933. Em relação à Rádio-Teatro, conforme Souza,

[...] a classe musical teve que se adaptar, aos poucos, ao novo contexto da radiodifusão. Num primeiro momento, instrumentistas e cantores foram convidados a experimentar o microfone e “preencherem” o espaço das rádios com sua arte. A sonoridade dos discos, que antes era privilégio de quem possuía uma vitrola, começaria a ser ouvida pelas ondas sonoras das rádios. (SOUZA, 2010, p. 105).

Na rádio-teatro da cidade do Rio Grande, realizavam-se transmissões de espetáculos dramáticos e concertos musicais. Conforme Bittencourt (2007), “o Rádio-Teatro apresentava em suas dependências um estúdio e um auditório com lotação de 450 lugares” (BITTENCOURT, 2007, p. 186).

Um dos concertos comemorativos à inauguração da Rádio-Teatro, na cidade do Rio Grande, foi noticiado pelo jornal *Echo do Sul* de 20 de dezembro de 1933 (Figura 17). Como se pode observar, a Orquestra Filarmonica Rio-Grandense executou uma composição do maestro Hermínio de Moraes: *Lagoa Encantada*, *Legenda Gaúcha*.

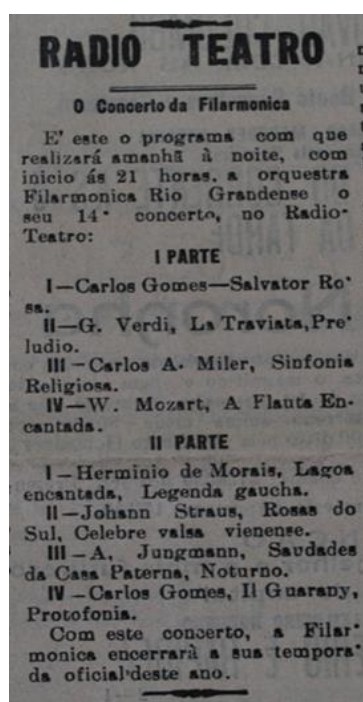


Figura 17 - Programa de Concerto Orquestra Filarmônica Rio-Grandense. Fonte: Jornal *Echo do Sul*, 1933.

Assim, o redator do jornal *Echo do Sul* manifesta-se sobre as atividades de inauguração da Rádio-Teatro, ocorridas em dezembro de 1933: “Amanhã, o Radio-Teatro encerrará com brilho a semana de inauguração ocupando o palco o aplaudido Sr. Bastos Guerra, que levará a cena às 21 horas, a opereta de Hermínio de Moraes *A louca na Aldeia* [...]” (ECHO DO SUL, 25 dez. 1933). Na notícia do dia 26 de dezembro, a narrativa traz informações sobre a boa repercussão que a apresentação da peça de Hermínio de Moraes teve: “Radio-Teatro, com muitos aplausos a trupe Bastos Guerra levou a cena, domingo, a ultima, na radio-teatro o espetáculo anunciado, encerrando assim de forma brilhante a semana de inauguração da radio-teatro” (ECHO DO SUL, 26 dez. 1933). Vale ressaltar que as últimas notícias encontradas sobre a atuação do compositor estavam relacionadas com a Orquestra Filarmônica Rio-Grandense.

4.6- Ensino de música

Da primeira metade do século XIX ao final da década de 1870, o músico que se destinasse a ser profissional poderia optar pelo ensino de música, que era realizado em domicílio e também em alguma escola de música (LUCAS, 1980). No século XX, as escolas de música particulares continuavam atuando, como a da professora Iracema R. dos Santos, em que Hermínio de Moraes era professor de harmonia, conforme informado no dia 24 de novembro de 1933, no jornal *Echo do Sul*. Outra notícia que também faz menção à sua atuação como professor foi encontrada na coluna intitulada “O dia da Música”, do jornal *Echo do Sul* (25 nov. 1933):

O dia da música que também é o dia da Santa Cecília, a padroeira dos músicos, e foi entre nós instituído decreto do governo provisório, teve ontem, nesta cidade a sua comemoração na Escola de Música dirigida pela professora. Sr^a Iracema R. dos Santos.

A festa constou de uma audição especial, por alunos daquela escola e de uma preleção que, a convite da referida professora, fez o maestro Hermínio de Moraes docente de harmonia daquele estabelecimento de ensino e diretor e regente da Orquestra Filarmônica Rio Grandense. (ECHO DO SUL, 25 nov. 1933).

As informações da atuação do músico como professor de música na cidade são escassas, aparecendo apenas em duas narrativas, sendo que não ocorre menção de sua atuação no vínculo público de ensino musical.

4.7- A circularidade de Hermínio de Moraes e a cidade do Rio Grande

Após contextualização sobre o personagem Hermínio de Moraes, apresentam-se informações coletadas que expõem a sua mediação cultural e a circularidade que realizava no início do século XX, em virtude do mercado de trabalho e em busca de um reconhecimento social. Na época estudada, o músico realizava o papel de mediador, como compositor, regente e intérprete. Lugares de mediação de música, como a rua, os teatros, os clubes carnavalescos, as escolas de músicas particulares e a casa de música amadora revelam os múltiplos lugares onde o músico atuava.

No primeiro momento de sua trajetória, pode-se analisar que as práticas realizadas no século XIX ecoam no século XX. Dessa forma, ambientes de mercado de trabalho para o músico profissional, como a igreja e o teatro, estavam na trajetória artística do personagem. Além de intérprete, o músico era compositor e compunha para as celebrações religiosas, tendo boa repercussão.

As práticas musicais importadas, como as companhias líricas e de variedades que circulavam pela cidade no início do século XX, refletiram no gosto musical da população e na produção composicional local. Hermínio de Moraes compunha ópera, opereta, sainete, revista e suas músicas eram apresentadas nas cidades de Porto Alegre e Rio Grande, pela Companhia Nacional de Operetas. Assim, a sua música transitava em outras localidades do estado por meio dessa companhia.

Em outro momento de sua trajetória artística, o músico sai do âmbito da música religiosa e teatral e dedica-se à produção de música de salão. No ambiente de salão, encontrou-se o anúncio da valsa intermezzo *Julia*, revelando uma casa de música amadora que vendia partituras. O mecenato cultural que havia na época estudada fazia parte da expansão e da intensificação do amadorismo e do profissionalismo musical, pois os músicos poderiam estudar, no espaço de suas casas, partituras e instrumentos musicais.

Vale ressaltar que, em relação à valsa intermezzo *Julia*, ocorre a menção de que ela foi tocada pela Orquestra Filarmônica Rio-Grandense, estando presente em concertos orquestrais. A música era para piano, podendo ser tocada em um recital, mas também em ambiente doméstico. A música de salão de Hermínio de Moraes, como valsa e uma marcha, foi tocada em um evento do Clube Carnavalesco Saca-Rolhas, em um festival executado pela estudantina. Desta forma, percebe-se que as composições de Hermínio de Moraes ocupavam variados espaços de sociabilidade, tendo em vista que eram ambientes

onde havia diversas demandas artísticas na época de sua atuação. Em outros espaços também teria sua legitimação artística, por meio do mercado musical, com a publicação de uma partitura para o âmbito dançante.

O músico, como mediador, também estava vinculado às sociedades musicais. No século XIX, houve a fundação de variadas instituições, devido à expansão do amadorismo e à ampliação de novos grupos sociais advindos das camadas médias, como comerciantes, bancários, imigrantes alemães e italianos que se dedicavam ao comércio, ao ensino, à profissão liberal. (LUCAS, 1980).

Em relação às outras práticas musicais da cidade, Hermínio de Moraes aparece como regente da Orquestra Filarmônica Rio-Grandense, na inauguração da Rádio-Teatro, na década 1930. A música de Hermínio de Moraes começaria a ser ouvida na rádio, obtendo outra projeção na sociedade. Nesse período ocorreu a ampliação de espaços, com a fundação da Rádio-Teatro e um novo formato para divulgação da música na cidade.

Hermínio de Moraes era professor de música, sendo este seu papel profissional na cidade; assim, seus alunos acabavam fazendo parte de orquestras amadoras e das estudantinas, embora esse tipo de estabelecimento não possibilitasse obter um diploma de qualificação musical (SOUZA, 2010). No caso do músico, não ocorreu menção ao seu nome em relação à instituição pública de ensino de música.

A cidade do Rio Grande, por meio da trajetória do compositor Hermínio de Moraes, entre 1900 e 1930, revela que as práticas musicais do século XIX ecoavam no século XX. Com a expansão do amadorismo e o exercício do profissionalismo musical e a ampliação dos grupos sociais, ocorreu a expansão de espetáculos musicais e espaços de sociabilidades. Com isso, encontra-se o músico Hermínio de Moraes como mediador em diversos ambientes para prática musical, buscando legitimar a sua atuação como músico e compositor na cidade.

5- Considerações finais

A cidade do Rio Grande, influenciada pelos ideais republicanos no início do século XX, sofreu diversas transformações no âmbito político, social e cultural, rumo ao “progresso” e à “civilidade”. Com isso, acontecia o projeto de urbanização, pretendendo-se uma expansão territorial e a implementação de novos gostos e costumes para população, com abertura de praças, ruas, pensamento sanitarista e novos meios de locomoção. Outro ponto a salientar é que a cidade se localiza em uma área costeira e portuária, o que possibilitava ser um local de troca e intercâmbio cultural e musical.

Surgiram, nas primeiras décadas do século XX, novos personagens sociais, como o operariado, as camadas médias (comerciantes) e a burguesia. A distinção social ocorria no período pesquisado e, com novos atores sociais, acontecia também a mudança da prática do poder entre os grupos da elite, que também revalidariam as estruturas sociais.

No contexto musical pesquisado, percebe-se a relevância das associações recreativas operárias e das entidades locais e de imigrantes, com suas formações dramáticas, bandas musicais e sede própria, que circulavam pela cidade levando a sua literatura dramática e seu repertório diversificado. Os diversos ambientes nos quais associações recreativas circulavam estavam relacionados à busca de sua legitimação como prática dramática e musical na cidade. Também se nota a existência de um espaço de ensino privado, por meio de sociedades musicais, escolas de músicas particulares, escolas religiosas e o público formado por meio dos conservatórios de música, o que proporcionava uma profissionalização musical, levando, também, a um comércio especializado de instrumentos para o estudo da música.

A cidade era rota para o circuito das companhias líricas e de variedades que excursionavam pelo país apresentando diversos gêneros do teatro musical. O trânsito dessas companhias, com suas apresentações nos teatros da cidade, influenciou a produção composicional local. A relação da cidade com os circuitos musicais das companhias e com músicos nacionais e internacionais, por meio de recitais, também fez com que ocorresse a ampliação de espaços de sociabilidade. Com isso, foram fundados novos teatros no início do século XX e os que já existiam foram revitalizados, dividindo espaço com o cinema, tornando-se cineteatros e, com o avanço tecnológico, rádio-teatro. Os programas de concertos dos cineteatros das cidades do Rio Grande e de Pelotas eram os mesmos, pois eram cidades que estavam na rota das apresentações das companhias líricas e de variedades.

Em relação à contextualização sobre a trajetória de Hermínio de Moraes, este tem, primeiramente, o ofício de músico relacionado ao exercício do amador e do profissional. Inicialmente, a prática musical estava centrada nas festividades religiosas e no teatro. O músico como mediador também era professor em uma escola de música particular, uma instituição para músicos amadores e um ambiente onde o compositor poderia trabalhar como profissional.

No segundo momento da trajetória do compositor, foi evidenciado que gêneros do teatro musical estavam presentes em variados programas de concertos dos cineteatros da cidade. A prática importada da música refletiu na produção composicional local, como ocorreu com Hermínio de Moraes. Outros ambientes musicais podem ser verificados por meio de sua trajetória, como entidades musicais, orquestra sinfônica e comércio especializado para venda de partituras, no sentido da ampliação de espaço para prática musical. Também aconteceu a diversidade de linguagem com a radiodifusão, sendo que os espetáculos tradicionais foram substituídos com a fundação da rádio-teatro na cidade. As festividades de sua fundação dão luz a um compositor local, sendo um espaço para divulgar o seu trabalho.

Outra possibilidade para o músico divulgar a sua música era por meio de impressão de suas composições, havendo a possibilidade de comercializar a sua obra, com direito autoral, levando a sua música para outros ambientes sociais.

A questão desta pesquisa foi como, através das notícias dos jornais *A Lucta*, *Echo do Sul*, *O Tempo* e documentos de arquivo, se poderiam compreender as atividades musicais na cidade do Rio Grande, por meio da circularidade de Hermínio de Moraes. A compreensão das atividades musicais da cidade do Rio Grande foi possível através da reflexão sobre sua mediação cultural. O compositor tornou-se uma espécie de mediador para o caráter de síntese que a música adquiriu no início do século XX.

Nota-se, assim, que o estudo da circularidade e da mediação de Hermínio de Moraes como sujeito histórico possibilitou uma reflexão sobre as práticas musicais, os espaços de sociabilidade e os espetáculos musicais que se relacionavam entre o século XIX e o século XX, período em que aconteceu um processo de construção de novos grupos sociais, e também sobre o contexto artístico-musical em que este atuava como mediador cultural, elucidando sua narrativa como músico e como compositor na cidade do Rio Grande, que foi esquecida pela historiografia da música do Rio Grande do Sul.

Referências

- ALVES, Francisco das Neves; MONICO, Reto. *O Regicídio Português nas páginas da imprensa Rio-Grandina*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense; Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016. (Coleção Documentos).
- AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.
- BITTENCOURT, Ézio. Apontamentos sobre o movimento teatral em Rio Grande no século XIX, *Revista Biblos*. Rio Grande. v. 8, p. 117-137. 1996.
- BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidade e cultura no Brasil Meridional*. 2. ed. Rio Grande: Furg, 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CASTRO, Paulo Ferreira. A crítica musical como objeto de estudo: algumas reflexões e pontos de referência no contexto português. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL MÚSICA E CRÍTICA, 1, 2017, Pelotas. *Anais [...]*, Pelotas. 2017.
- CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. *Criação de desenvolvimento de arquivos públicos municipais, Conselho Nacional de Arquivos: transparência e acesso à informação para exercício da cidadania*. Rio de Janeiro: Conarq, 2014. Disponível em: conarq.gov.br.
- COSTA, Ana Paula Amaral. Criadores de Servir e operários: organização de trabalhadores Negros na cidade do Rio Grande (última década do século XIX). In: ENCONTRO DE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 6., 2013, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis, 2013. p. 1-21. Disponível em: www.escravaoliberdade.com.br.
- GIMENEZ, Leandro Kerr. A inauguração do teatro Sete de Setembro e sua contribuição para a Literatura Rio-Grandense. In: MOSTRA DE PESQUISA: PRODUZINDO HISTÓRIA A PARTIR DE FONTES PRIMÁRIAS, 12., 2014, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (Apers), 2014. p. 19. Disponível em: arquivopublicors.files.com.
- GOLDBERG, Luiz Guilherme D. A música pelos jornais da cidade do Rio Grande: da Proclamação da República ao Conservatório de Música. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (ANPPOM), 20., 2010, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis, 2010. p. 971-981. Disponível em: www.anppom.com.br.
- GOLDBERG, Luiz Guilherme D.; NOGUEIRA, Isabel Porto, O ensino musical no RS da Primeira República: o Rio Grande dos Conservatórios. In: JUNIOR, Yimi Walter

Premazzi Silveira; MICHELON, Francisca Ferreira; NOGUEIRA, Isabel Porto (org.). *Música, memória e sociedade ao sul, retrospectivas do Grupo de Pesquisa em Musicologia da UFPel (2001-2011)*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária PREC-UFPel, 2010. p. 59-72.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Sensibilidades em festa celebrando o Espírito Santo no Rio Grande do Sul (2012). *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, v. 9, n. 1, p. 1-19, jan./abr. 2012. Disponível em: www.revistafenix.pro.br.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico e econômico 1803-1940, Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IBGE, 1981.

LACOUTURE, Jean. História Imediata. In: LE GOFF, Jaques (org.). *História Nova*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 216-239.

LARSEN, Juliane Cristina. Republicana, moderna e cosmopolita. 2018. 177p. Tese (Doutorado em Musicologia), Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LEAL, Antonio Corte. Subsídio para a história da música no Rio Grande do Sul. Ed: Universidade federal do Rio Grande do Sul/ IEL, 1980.

LIMA, Ari. Os nossos autores dramáticos. In: CONGRESSO SUL-RIOGRANDENSE DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA, 1940, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre, 1940. V. 3, p. 1419-1431.

LUCA, Tânia Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

LUCAS, Maria Elizabeth. Classe Dominante e cultura musical no RS: do amadorismo à profissionalismo. In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius (org.). *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 150- 167.

MARTINS, Solismar Fraga; PIMENTA, Margareth Afeche. A constituição de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais: o caso do município do Rio Grande (1874-1970). *Revista Brasileira de estudos urbanos e regionais*, v. 6, n. 1, p. 85-100, maio 2004.

MEJÍA, Victor Villa. *Sainete Del entremés al musidrama*. 21. ed. Medellín: ITM, 2017.

MENESES, Marcele. *Hermínio de Moraes: a face de uma orquestra*. 2017. 58 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Musicais) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

MENESES, Marcele; GOLDBERG, Luiz Guilherme D. Hermínio de Moraes: a face de uma orquestra. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 11., 2016, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018. p. 198-203.

MORAES, José Vinci de; FONSECA, Denise Sella. A música em cena na Bellé Epoque Paulistana. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 54. p. 107-138, set./mar. 2012.

NAPOLITANO, Marcos. *História e música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NECKEL, Roselane. *A república em Santa Catarina: modernidade e exclusão*. Florianópolis: UFSC, 2003.

NEVES, Décio Vignolli. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Edição do Editor, 1987. Tomo 2.

OLIVEIRA, Márcia Ramos. Entre representações e estereótipos: o tipo gaúcho como expressão na música gravada no século XX. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson; GERTZ, René (dir.). *História Geral do Rio Grande do Sul: República de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. 1. ed. Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 4, p. 505-526.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PEQUENO, Mercedes Reis. Impressão musical no Brasil. In: MARCONDES, Marcos Antônio (org.). *Enciclopédia da música: popular, erudita e folclórica*. 2. ed. São Paulo: Arte Editora; Publifolha, 1998. p. 370-379.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O cotidiano da república*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

QUARESMA, Paulo Sergio Andrade. *Urbe em tempos de varíola a cidade do Rio Grande (RS) durante a epidemia de 1904-1905*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SOUZA, Márcio de. *Mágoas do violão: mediações culturais na música de Octávio Dutra (Porto Alegre, 1900-1935)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

TORRES, Luiz Henrique. A mortalidade supera a natalidade. *Biblos*, Rio Grande, v. 23 n. 1, p. 79-90, 2009a.

TORRES, Luiz Henrique. *Balneário Cassino: o nascimento do banho de mar planejado no Brasil (2009)*. Rio Grande: Furg, 2009b.

TORRES, Luiz Henrique. *180 anos de jornalismo*. Rio Grande: Furg, 2012.

TORRES, Luiz Henrique. *História do município do Rio Grande*: fundamentos. Rio Grande: Pluscom, 2015.

TORRES, Luiz Henrique. *Espaços de memória da praça Xavier Ferreira*. Rio Grande: Pluscom: 2016.

XERRI, Eliana Gasparini. Uma incursão as fontes sobre o movimento operário de Rio Grande no início do século XX. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXII, n. 2, p. 91-110, dez. 1996.

Documento em meio eletrônico e internet:

RIO GRANDE. Ecos do Passado. *Orquestra Hermínio de Moraes*. Bom dia. Rio Grande. 15 dez. 2003. Disponível em: www.bomdiacomunidade.com.br. Acesso em 12 jun. 2016.

RIO GRANDE. *Cidade do Rio Grande*. Disponível em: www.riograndeemfotos.fot.br. Acesso em: 20 mar. 2019.

Documentos de Arquivo:

RIO GRANDE. *Sociedade Alemã*. Rio Grande: Arquivo Municipal da Cidade do Rio Grande, 1907.

RIO GRANDE. *Empresa Guadio, Bianchini & Cia de cinema e teatros*. Rio Grande: Arquivo Municipal da Cidade do Rio Grande, 1924.

RIO GRANDE. *Projeto de Regulamentação das Casas de Diversão*. Rio Grande: Arquivo Municipal da Cidade do Rio Grande, 1926a.

RIO GRANDE. *Sociedade União Orchestral*. Rio Grande: Arquivo Municipal da Cidade do Rio Grande, 1926b.

RIO GRANDE. *Clube Saca-Rolhas*. Rio Grande: Arquivo Municipal da cidade do Rio Grande. 1930-1931.

RIO GRANDE. *Orquestra Philharmonica Rio-Grandense*. Rio Grande: Arquivo Municipal da Cidade do Rio Grande, 1932.

Jornais:

A LUCTA. Jornal. Rio Grande, 1920.

ECHO DO SUL. Jornal. Rio Grande, 1900-1920.

O TEMPO. Jornal. Rio Grande, 1920.

Apêndice

A-Informações encontradas nos jornais

Jornal ECHO DO SUL			Local da consulta: Biblioteca Rio Grandense- Rio Grande/RS	
Data/Mês	Ano	Pág.	Nome da coluna	Características /conteúdo
4/01	1904	1	Missa Artística	Apresentação Companhia Zucchi e Ottonello
4/01	1904	1	União operária	Roda de Leitura
6/01	1904	2	Outro Festival	Barytono A. Evangelista
8/01	1904	1	Sociedade musical Duas coroas	Posse da diretoria
9/01	1904	2	Banda Caixeiral	Viagem para Piratiny
9/01	1904	1	Duas coroas	Aniversário de 27 anos da sociedade musical
10/01	1904	1	Duas coroas	Convite para sessão festiva
11/01	1904	2	Orpheo no inferno	Siro Colleoni- Companhia Zucchi e Ottonello
12/01	1904	1	Passeio Burlesco	Apresentação de Zé Ferreira no Club Saca Rolhas
12/01	1904	2	Vida Artística	Repertório da companhia Zucchi e Ottonello
14/01	1904	2	Vida Artística	A companhia Zuchi e Ottonello estreia a opereta Bambolim
15/01	1904	2	Companhia Temperani	Companhia proveniente da cidade de Jaguarão
16/01	1904	2	Vida Artística	Festival com a companhia Zucchi e Otonello e a banda musical duas coroas
18/01	1904	2	Vida Artística	Festival de Schiaffino
18/01	1904	1	Anúncio	Anúncio de apresentações da companhia Temperani no teatro Polytheama
26/01	1904	2	Vida Artística	Apresentação de Lambiase e Angelini
28/01	1904	1	Carnaval	Baile de carnaval no Club saca-rolhas
29/01	1904	2	A Marselha	Com novo repertório companhia Zucchi-Ottonello
7/02	1904	2	Círculo Recreativo Italiano	Estreia do G.L.D. do Círculo Recreativo Italiano
8/02	1904	2	O carnaval	Club das Bahianas - Grupo Braço de Lyra
9/02	1904	2	Vida Artística	Companhia Zaira Tiozzo
10/02	1904	1	O carnaval	Club e grupos carnavalescos
11/02	1904	1	Club Instrução e Recreio	Baile a fantasia
11/02	1904	1	Carnaval	Club e Grupos
22/02	1904	1	Polytheama Rio-grandense	Apresentação companhia Italiana Ligure
23/02	1904	2	Vida Artística	Companhia de Arte/ intervalo banda musical lyra Artística
3/03	1904	2	Vida Artística	Zaira Tiozzo
5/03	1904	2	Vida Artística	Bioscopo Inglês/ concerto na ilha dos marinheiros/ programa de concerto
5/03	1904	1	União operária	Homenagem Ricardo Jacob tocará a banda Lyra Artística
14/03	1904	1	Notícia	Banda musical Floresta Rio-Grandense vai à Piratini
18/03	1904	1	Anúncio	Vinda da companhia Andrés Cordeiro proveniente de Buenos Aires

19/03	1904	1	Anúncio	O grêmio lírico dramático do Club Caixerial fará apresentação/ repertório
7/04	1904	1	Companhia de variedades	Apresentação da companhia de variedades/ repertório/ local
24/04	1904	1	G.L.D. Saca-Rolhas	G.L.D. Saca-Rolhas leva em cena 3 actos
11/05	1904	3	Duas coroas	Sarau dramático/ posse do maestro Luiz Bastos
17/05	1904	2	Notícia	Apresentação do G.L.D. da União operária/ intervalos banda Lyra Artística
19/05	1904	1	Espetáculo	Apresentação do G.L.D. da Sociedade Recreio operário
01/06	1904	1	Anúncio	Vinda da companhia Hamburg
06/06	1904	2	Notícia	Banda musical Floresta Rio-Grandense
13/06	1904	1	Anúncio	Apresentação da companhia Sul Rio-Grandense/ intervalo banda Lyra Artística
16/06	1904	2	Anúncio	Aulas de piano com a professora Angelina Muller da Fonseca
27/06	1904	1	Companhia Sul-Rio Grandense	Apresentação da companhia Sul Rio-Grandense/ intervalo banda Floresta Rio Grandense
3/07	1904	2	Espetáculo	Sarau do G.L.D. Recreio operário/repertório
3/07	1904	3	Concerto	Concerto Kermesse beneficente/ Programa artístico
4 /07	1904	1	No saca-rolhas	Apresentação da banda saca-rolheira com o maestro Tagnin/ repertório
8 /07	1904	2	Anúncio	Lições de Piano- Maric Adelia Scaravaglio- Habilitado
17/07	1904	2	G.L.D. Saca-rolheiro	Anúncio do 79ª Sarau/ programa de concerto
22/07	1904	1	Espetáculo	Apresentação do G.L.D. da união operária/ repertório
26/07	1904	2	Banda musical Lyra Artística	A banda tocou no intervalo no evento do G.L.D. União Operária
27/07	1904	2	Anúncio	Attilio Tosi- Professor de música, piano, solfejo, afinador de piano
01/08	1904	2	Apresentação	Apresentação do coro regido pelo maestro Antenor O. Monteiro/ Participação de HM
01/08	1904	1	Club Saca-Rolhas	Apresentação da banda musical regência o maestro Domingos Perfetto
3/08	1904	2	Noticia	Informações de artista que seguiram de SC para o RJ, Emilia e João Pinho, Maurice Aroza, J. Baptista
5/08	1904	2	Companhia Lyrica	Apresentação da companhia lírica Italiana/Repertório
6/08	1904	1	Anúncio	A companhia lírica Italiana irá na cidade do Rio Grande antes de ir a Bagé
7/08	1904	2	G.L.D Saca-Rolheiro	Comemoração do 17ª aniversário do Saca-rolhas/ programa de concerto
22/08	1904	1	G.L.D. Apollo	Anúncio do 4ª sarau dramático/ repertório
23/08	1904	2	Pietro Mascagni	Inauguração da banda musical Pietro Mascagni no dia 20 de setembro
28/08	1904	1	G.L.D Saca-Rolheiro	81º Sarau do grêmio/programa de concerto
5/09	1904	2	Vida Artística	Companhia Lírica Reiter/repertório
7/09	1904	1	Anúncio	Posse de um novo regente para a banda Mutualidade que é o Sr. Emidio Sarni
8/09	1904	2	Vida Artística	Apresentação da companhia Italiana Reiter e Provesi/ repertório
13/09	1904	2	Vida Artística	Apresentação da companhia Italiana Reiter e Provesi/ repertório
16/09	1904	2	Vida Artística	Apresentação da companhia artística Ballo in Masches

20/09	1904	1	As festas	Festa na Sociedade Italiana Mutua Coopizione /Banda fanfarra Garibalde e Rossini
20/09	1904	2	Inauguração	Apresentação de Inauguração da banda Pietro Mascagni/programa de concerto
24/09	1904	1	Anúncio	Professor João Michelena - Lições bandolim, violino e violão, afina piano
24/09	1904	1	G.L.D. Apollo	Apresentação do G.L.D Apollo/ repertório
26/09	1904	2	Vida Artística	Apresentação do Tenor Roberto Mario/ Repertório
30/09	1904	1	Companhia lírica	Apresentação em breve na cidade da Companhia Lírica Um Ballo em Maschera/ Barytono Teto Poggi
6/10	1904	2	Festival	Companhia Lírica/ Programa de Concerto
13/10	1904	1	Sarau Dramático	Apresentação no Club caixeiral a banda com regência do maestro Miguel Sarni
18/10	1904	1	Anúncio	Anúncio da posse do maestro Raphael Lisboa na sociedade musical duas coroas
21/10	1904	2	Zarzuela	Apresentação do baixo cômico Mariano Coscollano
21/10	1904	1	Sociedade musical duas coroas	Apresentação da sociedade musical duas coroas/ Maestro Raphael Lisboa
29/10	1904	2	Club Apollo	Apresentação do Hino do club
31/10	1904	1	G. Saca-Rolheiro	Espetáculo em benefício a banda Lyra Artística
7/11	1904	2	Festival	Programa de concerto de um festival musical
14/11	1904	1	Saca-Rolhas	O saca-Rolhas em expedição a Piratini
01/12	1904	1	G.L.D Saca-Rolhas	Apresentação do G.L.D Saca-Rolhas/programa de concerto
12/12	1904	1	Festa Religiosa	Apresentação da orquestra de coro regida pelo maestro Antenor Monteiro
22/12	1904	2	Companhia Luso-Brasileira	Apresentação da companhia luso-Brasileiro/ programa de concerto
31/12	1904	2	Lyra Artística	Comemoração do aniversário da sociedade musical lira artística
31/12	1904	3	Novo grêmio	O grupo carnavalesco Araras funda um grêmio lírico dramático/repertório
3/01	1910	2	União operária	Apresentação do G.L.D. União Operária/repertório/ participação da banda musical duas coroas
6/01	1910	1	Anúncio	Banda musical duas coroas acompanhada procissão do dia dos reis
12/01	1910	1	Notícia	Em breve chegará na cidade do Rio Grande, o pianista Arthur Napoleão e a violinista Paulina
14/01	1910	2	Theatros e Artistas	Apresentação da trupe Françoes
15/01	1910	1	Companhia	Apresentação da companhia de Francisco Santos/repertório
17/01	1910	2	Theatros e Artistas	Apresentação do programa de concerto da apresentação do pianista Arthur Napoleão, Paulina
18/01	1910	2	Programa de Concerto	Programa de concerto completo da apresentação de Arthur Napoleão e Paulina D Ambrósio
4/02	1910	2	Theatros e Artistas	Apresentação da trupe Holmer/ no intervalo a banda Lyra Artística
27/02	1910	2	Theatros e Artistas	Apresentação na cidade da Troupe do circo Rio Grandense
7/03	1910	2	Concerto no cassino	Concerto no teatro Miramar no cassino como o tenor português Almeida Cruz/repertório

16/03	1910	1	Anúncio	Comemoração do aniversário de 34 anos do Club Saca-Rolhas
21/03	1910	2	Theatros e artistas	Apresentação da troupe Albado proveniente da cidade de Bagé
31/03	1910	2	Theatros e artistas	Apresentação da companhia Luiz Galhardo/Repertório
7/04	1910	2	Anúncio	Aulas de piano com maestro A.Tagnin vindo de Paris a pouco tempo
26/04	1910	1	Anúncio	Apresentação da companhia Italiana de Opereta Lahoz
4/05	1910	2	Na união operária	Espectáculo de gala na união operária/repertório/participação da banda musical Lyra Artística
6/05	1910	2	Theatros e Artistas	O cinema Excelsior estará anexado no teatro sete de setembro
6/05	1910	3	Opereta Lahoz	Apresentação da opereta Lahoz -10 récitas/programa de concerto/ Maestro Ernesto Lahoz
11/05	1910	2	G.D. João Caetano	A orquestra que atuará o regente é o Antenor de O. Monteiro e um dos músicos Hermínio de Moraes
17/05	1910	1	Anúncio	Fundação de uma sociedade Orquestral na cidade do Rio Grande
6/06	1910	1	Anúncio	O aniversário do grêmio saca-rolhas 107 ^a anos, regência o maestro Emilio Sarni
25/06	1910	2	Theatros e Artistas	Companhia Allemã apresentação/repertório
26/06	1910	2	Pela música	Crônica positiva a música do compositor Hermínio de Moraes
28/06	1910	2	Theatros e Artistas	Apresentação da companhia Alemã que após embarca para Florianópolis, Paraná e São Paulo
22/03	1926	4	Sociedade Orquestral	Empossada diretoria da sociedade Secretário Hermínio de Moraes
23/03	1926	3	Sociedade Orquestral	Anúncio do estatuto da sociedade
27/07	1927	2	Arte e Caridade	Crítica positiva sobre as composições de HM
28/07	1927	3	O festival de Hoje	Apresentação da composição “Noite de luna
01/08	1927	2	Festival de segunda feira	Crítica sobre as apresentações das composições de Hermínio de Moraes
26/01	1930	2	Irmandade de N. Senhora do Bom Fim	Festival com orquestra o regente é Hermínio de Moraes
07/03	1930	1	Anúncio	Matrícula para escola de música de Antenor O. Monteiro
10/04	1930	1	As operetas	Apresentação da companhia de Operetas Candini-Siddivá na cidade do Rio Grande
11/04	1930	2	S.C. Saca Rolhas	Anúncio do baile no S.C. Saca-Rolhas- Prêmio Reconhecimento Hermínio de Moraes
12/06	1930	3	Concerto de Harpa	Concerto de harpa com Joseph Strnad e Camila Strnad
23/06	1930	2	Opereta	Companhia Nacional de operetas apresentando Amor de Gaúcho de Hermínio de Moraes
04/08	1932	2	Notas de Arte	Crítica ao músico Hermínio de Moraes
24/11	1933	3	O dia do músico	Apresentação dos alunos da professora Iracema R. dos Santos e a notícia sobre Hermínio de Moraes como docente de música
08/11	1933	1	Festa da conceição	Apresentação da Filarmônica Rio Grandense com regência de Hermínio de Moraes
02/03	1933	1	Orquestra	Hermínio de Moraes presidente da Orquestra Filarmônica Rio Grandense
10/12	1933	3	Varias	Venda da partitura Júlia na casa de amadores de Hermínio de Moraes
19/12	1933	2	Radio -Teatro	Apresentação da Filarmônica Rio Grandense na Rádio Teatro

20/12	1933	3	Radio- Teatro	Programa de concerto da Filarmônica Rio Grandense
23/12	1933	2	Radio -Teatro	Crítica sobre apresentação da Filarmônica Rio Grandense
25/12	1933	2	Anúncio	Apresentação na Rádio teatro da opereta de Hermínio de Moraes A louca da aldeia

Jornal A LUCTA		Local da consulta: Projeto “A música pelos jornais da cidade do Rio Grande da Proclamação da República ao Conservatório de Música” Luiz Guilherme Goldberg		
Data/Mês	Ano	Pág.	Nome da coluna	Características e conteúdo
21/08	1924	3	Anúncio	Apresentação da G.L. União Operária com orquestra Gaúcho da Serra
11/09	1924	2	Carnaval	Apresentação da Estudantina dos Bohemios e a instrumentação
05/01	1925	2	Sociedade	Informação sobre a sociedade União e Progresso
16/01	1925	2	Anúncio	Banda Não Toca Mais
26/01	1925	3	Noite ente os Bohemios	Apresentação de orquestra; comédia musicada maestro Quesada
08/02	1925	2	Carnaval	Apresentação da Orquestra camavalesca dos tigres e Os Baganos
30/07	1925	2	Amor Gaúcho	Companhia Nacional de Operetas levará em sua programação a Opereta de Hermínio de Moraes “Amor Gaúcho”
23/10	1925	3	Chá Dançante	Banda Musical do Clube União Fabril
02/01	1926	2	Cine- Independência	Orquestra do Cine- Independência
18/01	1926	1	Anúncio	Fundação da Sociedade União Musical
05/02	1926	1	S. União Musical	Estatuto da Sociedade União musical
14/04	1926	1	Anúncio	Apresentação da banda União Carlos Gomes
30/09	1926	2	Echo Religioso	Irmandade São Miguele Almas apresentação com coral, banda
04/12	1926	1	Irmandade da Virgem da Conceição	Apresentação com orquestra, banda e coro
06/12	1927	2	Irmandade Nossa Senhora da Conceição	Acompanhamento de Hermínio de Moraes e Antenor Monteiro a cantores.

Jornal O TEMPO			Local da consulta: Projeto “A música pelos jornais da cidade do Rio Grande da Proclamação da República ao Conservatório de Música” Luiz Guilherme Goldberg	
Data/Mês	Ano	Pág.	Nome da coluna	Características e conteúdo
04/01	1921	2	A Lyra Artística	Banda musical Lyra Artística
15/01	1921	3	Professora de Piano	Maria de Lourdes Fabriccio dá lições de piano
27/06	1921	2	Companhia Gonçalves	Apresentação da revista “scenas gaúcha” do músico Hermínio de Moraes
30/06	1921	2	Club B. de Senhoras	Programa de concerto
09/07	1921	1	Club B. de Senhoras	Programa de concerto do recital do Club B. de Senhoras
13/07	1921	2	Sarau de Arte	Programa de concerto
09/10	1921	3	A música do Ideal	Críticas a orquestra do Ideal
06/12	1921	4	Quarteto Victol	Quarteto musical, dirigido pela maestrina Adelia Scaravaglione
20/12	1921	2	Festival de caridade	Programa de concerto do festival com apresentação de diversos professores de música
28/12	1922	3	Duas côroas	Anúncio do novo maestro da banda musical duas coroas / Carlos Gracielli.
11/12	1922	2	Pianos	Anúncio de vendas de pianos estrangeiros
14/03	1922	1	Lições de Música	Escola de música do professor Antenor de Oliveira Monteiro
27/05	1922	3	Artistas RioGrandenses	Programa de concerto
03/09	1922	2	Orquestra do Ideal concerto	Nome dos integrantes e instrumentação
28/09	1922	3	Ideal concerto	Programa de concerto
11/03	1922	1	Pianos	Venda de pianos/ estrangeiros
19/03	1924	1	Lições de piano	Professora particular de piano Adelia Scaravaglione Piragine
26/03	1924	1	Curso de Música	Aula partícula de música piano, teoria e solfejo Nella Mariani
28/03	1924	4	Programa de concerto	Programa de concerto do corpo doente do conservatório Rio Grandense de música
02/05	1924	2	Comício operário	Banda de música
07/06	1924	3	Orquestra do Polytheama	Apresentação do novo maestro da orquestra José Faini
10/06	1924	4	Revista Local	Apresentação do G.L.D. Guarany na sociedade União Operária
02/08	1924	3	Festival infantil	Apresentação de composições de Antenor de O. Monteiro
21/08	1924	2	Festival	Festival de música na sociedade União Operária
07/10	1924	2	A Orchestra do Ideal	Orchestra do cinema “Ideal-Concerto”, o maestro Luis Quesada
30/11	1924	2	Grêmio Guarany	Apresentação do drama “Depois das 10” no palco da união operária
30/12	1924	4	Música	Programa de concerto da apresentação do conservatório RioGrandense
08/01	1925	3	Audição Musical	Críticas a audição de alumnos da Aula Particular de Música de D. Iracema Ribeiro dos Santos.
14/01	1925	3	Audição de Alunos	Programa de concerto da apresentação dos alunos da escola de música sra. d. Eduardina Ferreira Monteiro
07/01	1925	3	Audição de Alunos	Apresentação dos alunos da escola da Sra. D. Iracema Ribeiro dos Santos
02/03	1926	1	Anúncio	Matricula para o conservatório RioGrandense de música

09/07	1925	3	Festival de Caridade	Apresentações de diversos professores de música da cidade
06/08	1925	4	Festa Musical	Concerto organizado pela Sociedade Auxiliadora de Senhoras-Programa de concerto
10/11	1925	3	Kermesse da auxiliadora	Programa de concerto do evento
14/11	1925	2	Concerto musical	Programa de concerto da apresentação da banda de música Gioacchino Rossini'
03/01	1926	2	Theatro 7 de setembro	Programa de concerto da banda do teatro 7 de setembro
03/01	1926	2	Companhia Nacional	Apresentação do prelúdio da opereta "Amor Gaúcho" pela orquestra
17/07	1926	4	Revista Riograndense	Apresentação de 3 revistas no palco da união operária
23/08	1926	1	Aulas Gratuitas	Aula de música gratuita na sede da banda de música Gioacchino Rossini
06/09	1926	3	7 de setembro	Festival regendo a orquestra maestro Mugica
23/10	1926	4	Festa Beneficente	Programa de concerto do evento
05/11	1926	4	Arte e beneficente	Programa de concerto
02/02	1927	4	Concerto no cassino	Programa de concerto do evento
22/02	1927	3	Festa Beneficente	Programa de concerto do evento
03/06	1927	2	Festividade do Divino Espírito Santo	Coral e instrumental regido pelo maestro Hermínio de Moraes
04/07	1927	3	C.C. Sim.. Disfarça e Olha	Apresentação do sainete "O Rancho" e a fantasia "No Templo de Flora"
14/07	1927	2	O festival de Sábado	Anúncio festival do C.C. Sim.Disfarça e Olha
23/07	1927	3	Arte e Caridade	Crítica Positiva sobre o evento e a composição do Hermínio de Moraes
03/08	1927	2	Arte e Caridade	Crítica da segunda apresentação das composições de Hermínio de Moraes
17/11	1927	2	Abrigo Infantil	Programa de concerto
20/11	1927		Companhia Álvaro Fonseca	Apresentação de composições "'Prudêncio, o temerário" e "Visões de Gloria"
22/11	1927	3	Música	Crítica ao contexto musical da cidade A.O.M
27/11	1927	2	Recital de piano	Programa de concerto
30/11	1927	3	S. Cultura Musical	S. Cultura Musical de Porto Alegre nomeia Hermínio de Moraes para representante especial
14/12	1927	2	Festival de Arte	Apresentação de duas composições G.L.D". Saca-Rolhas "Penas de amor" e Lydia"
17/12	1927	2	Festival de Arte	G.L.D. Saca-Rolheiro Hermínio de Moraes regente
20/12	1927	2	Festival de Arte	Apresentação no Polythema do G.L.D. Saca-Rolheiro HM como regente
29/11	1928	1	Escola Carlos Gomes	Aula de música particulares com os professores José Faini e D. Alice Faini Lara

B-Informações localizadas no Arquivo Municipal e Histórico da cidade do Rio Grande

Arquivo Municipal da Cidade do Rio Grande	Características e Conteúdo
Sociedade Musical União Operária (1904)	Diretoria da Sociedade Musical
Sociedade Musical Lyra Artística (1905)	Posse da diretoria
Clube Guarany (1906)	Instalação de uma biblioteca
Sociedade Musical Alemã (1907)	Agradecimento a banda
Sociedade União Musical (1907)	Posse da diretoria
Sociedade Musical Duas Corôas (1906)	Posse da diretoria
Grêmio Lírico Dramático Guarany (1906)	Pedido de verba para evento no Politeama Rio Grandense
Rancho Carnavalesco Braço e Braço (1920)	Posse da diretoria
Cinema Palace (1908)	Agradecimento ao intendente municipal
Victrol cinema de variedades (1924)	Características do cinema
Cinema Recreio Popular (1924)	Características do cinema
Cinema Ideal Concerto (1924)	Pedido de sessão particular de cinema
Cine-teatro sete de setembro (1926)	Projeto de regulamentação dos cineteatros
Cine-teatro Polytheama Rio Grandense (1926)	Projeto de regulamentação dos cineteatros
Cine-teatro Carlos Gomes (1926)	Projeto de regulamentação dos cineteatros
Sociedade União Orchestral (1926)	Posse da Diretoria e objetivos
Grupo Musical União Fabril (1927)	Agradecimento a banda
Sociedade Musical Choro Gaúcho (1930)	Pedido de diminuição de impostos
Companhia Argentina de Comédias Jayme Costa (1930)	Pedido de verba
Companhia de Operetas Candini e Siddivó (1930)	Pedido de verba
Companhia de Operetas Nacional Eugênio de Noronha (1930)	Pedido de verba
Grêmio Lírico Dramático Saca-Rolhas (1930)	Posse da diretoria
Troupe Beira-Mar (1930)	Pedido de verba para apresentação
Cine-teatro Avenida (1931)	Pedido de troca da Fita cinematográfica
Cine-teatro Guarany (1931)	Comunicado de alteração da fita cinematográfica
Orquestra Philharmonica Rio-Grandense (1932)	Posse da diretoria e objetivos
Projeto de Regulamentação das Casa de Diversões (1926)	Comentário dos empresários em relação ao projeto encaminhado para a Intendência Municipal

C-Lista de composições do músico Hermínio de Moraes

Título	Gênero	Tonalidade	Instrumentação	Ano	Localização
<i>Amor de Gaúcho</i>	Sainete	Dó maior	Prelúdio III ato violino parte cava	N. C ¹⁵	LCM ¹⁶ / Ufpel
<i>A Partida</i>	Valsa	Lab maior	Piano	1923	LCM/Ufpel

¹⁵ Não consta. (N.C).¹⁶ Laboratório de Ciências Musicais- Universidade Federal de Pelotas.

<i>Alice</i>	Valsa		Piano		LCM/Ufpel
<i>O Homem da Meia- Noite</i>	Burleta	Parte cava Piano: Lab maior;	Violino; Flauta; Clarinete; Pistom; Trombone; Baixo; Bateria e Piano	N.C	LCM/Ufpel
<i>Marcha Brasil Clube</i>	Hino Carnavalesco	Sol maior	Parte cava: Violino	N.C	LCM/Ufpel
<i>Os Bohemios</i>	Marcha		Bateria	N.C	LCM/Ufpel
<i>Nª 1 Domine ad adjuvandum; n.2 Gloria Patris; n. 3 Venni Sanctu spiritun; n4 Ave Maria; n. reperitir; n6; jaculatório; n. 7 Kirie</i>	Missa	Violino, Canto e piano Lab	Canto/ piano/violino	N.C	LCM/Ufpel
<i>No Rancho</i>	Sainetes	N.C	N.C	N.C	Neves, 1987
<i>O trunfo é Paus</i>	Sainete	N.C	N.C	N.C	Neves, 1987
<i>No Templo da Flora</i>	Opereta	N.C	N.C	N.C	Neves ¹⁷ , 1987
<i>Visão de Glória</i>	Opereta	N.C	N.C	N.C	Neves, 1987
<i>Louca da Aldeia</i>	Opereta	N.C	N.C	N.C	Neves, 1987
<i>A cruz da Estrada</i>	Drama	N.C	N.C	N.C	Neves, 1987
<i>O Desertor</i>	Drama	N.C	N.C	N.C	Neves, 1987
<i>Visão do Passado</i>	Drama	N.C	N.C	N.C	Neves, 1987
<i>Não quero choro, chegou o Romeu</i>	Revista	N.C	N.C	N.C	Neves, 1987
<i>Mexicanos e Fuzileiros</i>	Revista	N.C	N.C	N.C	Neves, 1987
<i>Lagoa Encantada</i>	Ópera	N.C	N.C	N.C	Neves, 1987
<i>Aspirações Galináceas</i>	Fantasia teatral		N.C	N.C	LIMA ¹⁸ , 1940
<i>Na ponta do pé</i>	Opereta	N.C	N.C	N.C	A Federação, 1918
<i>Rincão da Onça</i>	N.C	N.C	N.C		A Federação, 1918
<i>Scenas Gaúchas</i>	Revista	N.C	N.C		O Tempo, 1920
<i>Lydia</i>	Marcha	N.C	N.C		O Tempo, 1924
<i>Saudade</i>	Canção	N.C	Canto e Piano		O Tempo, 1926

¹⁷ Conforme, o livro *Vultos do Rio Grande* (1987) de Décio Vignoli Neves.

¹⁸ Conforme o artigo, *Os Nossos Autores Dramáticos* (1940) de Ari Lima.

<i>Julia</i>	Valsa	Lá maior	Piano	1930	Biblioteca Rio-Grandense (RS)
<i>Bem Amada, Romance Brasileiro</i>	Romance	Lá maior	Canto e piano/ Pistom em Lá, Trombone, Basso, Cello, 1º Violino, Flauta, Clarinete em Lá.	1931	Museu da Imagem e do Som, coleção Almirante (RJ)

Anexos

A - Tabela de jornais da Biblioteca Rio-Grandense

Tabela de Jornais encontrados na Biblioteca Rio-Grandense

Nome	Local	Data
A Lucta	Rio Grande	Março de 1924 a 1939 Registram um número do Ano III no. 25 de 03/05/1903
Rio Grande	Rio Grande	Jan. 1914 a 1994 * não possuem exemplares de 1936
D. Pedro II	Rio Grande	No. Único comemorativo ao 30º. Dia de seu falecimento 04/01/1892
Folha Bancária	Rio Grande	Ano I no. 1/4 Agosto a Novembro de 1937
Jornal Notícias	Rio Grande	Ano I no. 163 09/03/1899
O Trabalho Nacional	Rio Grande	Ano I no.1 ao 60 09/09/1889 à 26/10/1890
Ordem e Progresso	Rio Grande	No. Único, polythea em homenagem ao Dr. Trajano Lopes (sem data informada)
Pró-Pátria	Rio Grande	No. Único Comemorativo ao 4º. Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo da Índia 20/05/1898
Farofia	Rio Grande/ Cassino	Ano I, no. 1 1901/1902
Lobo da Costa	Rio Grande	Ano I, no. 1 e 2 17 e 30/04/1929
A gazeta Portuguesa	Rio Grande	Ano 1, no. 1,5,8,10 17/12/1903, 14/01, 11 e 18/12/1904 * (o registro estava exatamente assim)
O Bisturi	Rio Grande	Ano 16 01/01/1893
Jornal do Rio Grande	Rio Grande	Ano I, no. 1 ao 42 23/10/1935 à 14/12/1935
A Revolução	Rio Grande	Ano I 01/05/1934 à 07/02/1937
A Reforma	Rio Grande	Ano XXXVI no. 2 ao 178 de 02/06/1904 à 31/12/1904 Ano XXXVI no.179 ao 235 de jan. a jun. de 1905 Ano XXXVII no. 236 ao 474 jul. a dez. de 1905 Ano XXXVII 475/719 02/01/1905 à 25/09/1906
O Diário	Rio Grande	Ano I no.1/155 de 01/07/1913 à 30/12/1913 Ano I no.156/261 de 01/01/1914 à 17/05/1914 Ano II no. 1/112 de 18/05/1914 à 17/10/1914
O Intransigente	Rio Grande	Ano I, no. 16/18 de 3 e 13 de Maio de 1902 De junho 1902 à 03/09/1915
Echo do Sul	Rio Grande	De 01/04/1859 à julho de 1934 Edições especiais: -Ano CVII 07/09/1922 No. Especial em homenagem do Centenário da Nossa Independência; -Edição Comemorativa ao Bicentenário de Rio Grande 19/02/1937
O Artista	Rio Grande	A biblioteca possui exemplares salteados a partir de 1863, E segue continuamente de 1879 à agosto de 1912
O Tempo	Rio Grande	Ano I 19/06/1871 à 30/12/1871 e de 03/01/1872 à 27/02/1872 Depois a biblioteca conta de 1907 até 1960
Diário do Rio Grande	Rio Grande	Ano I 16/10/1848 ao 2º. Semestre de 1910
São José do Norte	São José do Norte	Ano I, II no. 1/43 01/01/1891 a 17/03/1893
Jornal Rio Grande do Sul	Rio Grande	01/06/1891 à Março de 1897
Diário da Tarde	Rio Grande	Julho/1896 à dez/1898

Outros periódicos encontrados: A Hora (1929), Cruzeiro do Sul (1932) e Rumo ao Sigma (1936).

Quanto às revistas, encontrou-se apenas duas que foram publicadas em Rio Grande no período compreendido entre 1889 e 1954. São elas:

- Revista da Academia Rio Grandense de Letras no.1 de 1936 e no.2 de 1937
- Revista Internacional (Suplemento) de 1949 ano 1 no. 3

Fonte: O artigo A música pelos jornais da cidade do Rio Grande: da Proclamação da República ao Conservatório de Música, Luiz Guilherme Goldberg (2010). Extraído: In: XX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM), 2010. *Anais*. Florianópolis. 2010. p. 971-981. Disponível em: <www.anppom.com.br>

B- Fotografias da cidade do Rio Grande



Rio Grande, Rua Marechal Floriano, 1915, Acervo site Papareia.



Trecho do porto velho de Rio Grande. 1912. Memórias do cais: o porto velho do Rio Grande. Luiz Henrique Torres, 2009.



Operários na fábrica Leal Santos. 1920. livro História do Município do Rio Grande fundamentos. Luiz Henrique Torres, p. 65, 2015.



Teatro sete de setembro. 1930. Extraído: Livro Rio Grande Imagens que contam história, 2018. p. 68. Luiz Henrique Torres.



Cinema Ideal, Trecho da Rua Marechal Floriano, frente praça Telles, Extraído: Fototeca Municipal Ricardo Giovannini. Acesso em 2017.



Banda Musical. Início do século XX. Extraído: Museu Histórico da cidade do Rio Grande. Acesso em: 20 de junho de 2019.